UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

DAYANNY MARINS COELHO

# OS NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS: INOVAÇÕES LEXICAIS DE ORIGEM INGLESA

CATALÃO
2018

sistema de bibliotecas ufg

PRPG
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UFG

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:** **[ X ] Dissertação** **[ ] Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**
Nome completo do autor: Dayanny Marins Coelho

Título do trabalho: Os neologismos nas redes sociais: Inovações Lexicais de origem Inglesa

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento [ x ] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Dayanny Marins Coelho
Assinatura do(a) autor(a)[2]

Ciente e de acordo: Kênia Mara de Freitas Siqueira

Assinatura do(a) orientador(a)[2] Data: 08 / 03 / 2018

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

[2] A assinatura deve ser escaneada.

Versão atualizada em setembro de 2017.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**
**REGIONAL CATALÃO**
**UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA**
**MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**DAYANNY MARINS COELHO**

# OS NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS: INOVAÇÕES LEXICAIS DE ORIGEM INGLESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação- Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira

**CATALÃO**
**2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Coelho, Dayanny
OS NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS: INOVAÇÕES LEXICAIS DE ORIGEM INGLESA [manuscrito] / Dayanny Coelho. - 2018.
LXXVII, 77 f.: il.

Orientador: Prof. Kênia Mara de Freitas Siqueira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, , Catalão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2018.
Bibliografia.
Inclui fotografias.

1. Lexicologia. 2. Neologismos. 3. Empréstimos. I. de Freitas Siqueira, Kênia Mara, orient. II. Título.

CDU 82

Via da aluna



MESTRADO
em Estudos da Linguagem

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

UFG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 86/2017

Às treze horas do dia sete de março de dois mil e dezoito, no Laboratório de Multimeios, Bloco E, Sala 04, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Nismária Alves David, POSLLI/UEG, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada "OS NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS: INOVAÇÕES LEXICAIS DE ORIGEM INGLESA", de autoria da mestranda **Dayanny Marins Coelho**, matrícula 2016100405. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos sete dias do mês de março de dois mil e dezoito. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora: Parecer:

Kenia Mara de Freitas Siqueira — (X) Aprovada ( ) Reprovada

Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira (UFG/RC) – Orientadora

Vanessa Regina Duarte Xavier — (X) Aprovada ( ) Reprovada

Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier (UFG/RC)

Nismária Alves David — (X) Aprovada ( ) Reprovada

Profa. Dra. Nismária Alves David (POSLLI/UEG)

Discente:
Dayanny Marins Coelho: Dayanny Marins Coelho

**DAYANNY MARINS COELHO**

# OS NEOLOGISMOS NAS REDES SOCIAIS: INOVAÇÕES LEXICAIS DE ORIGEM INGLESA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial de créditos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA
Universidade Federal de Goiás (UFG/RC)
(Orientadora)

ALEXANDRE ANTÔNIO TIMBANE
Universidade Federal de Goiás (UFG)
(Suplente interno)

VANESSA REGINA DUARTE XAVIER
Universidade Federal de Goiás (UFG/RC)

NISMARIA ALVES DAVID BARROS
Universidade Estadual de Goiás (UEG)
(Suplente externa)

HILDO HONÓRIO DO COUTO
Universidade de Brasília (UNB)

CATALÃO

2018

## AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos a Deus que, primeiramente, me deu o dom da vida, possibilitando assim que eu conhecesse pessoas tão especiais, sem as quais certamente eu não teria dado conta.

Aos meus pais, Gessê e Zilma, meu infinito agradecimento. Minha querida mãe que está em um plano espiritual e tenho certeza que de lá, me faz ser forte para enfrentar todas as batalhas. Assim como sempre fez quando estava aqui na terra. E ao meu pai que é meu exemplo de vida.
A minha pequena Mariana, minha eterna companheira do mestrado, que no último ano esteve tão próxima (literalmente) de mim, foi tão presente no desenvolvimento deste trabalho e que, agora, me inspira a querer ser mais que fui até hoje!

A minha querida orientadora, Kênia Mara, é claro, que mais que ninguém, acreditou em meu potencial de uma forma que eu não acreditava ser capaz de corresponder. Sempre disponível e disposta a ajudar, muitas vezes foi dura, mas na verdade queria me fazer entender que eu precisava aproveitar cada segundo dentro do mestrado para absorver algum tipo de conhecimento. Fez-me enxergar que existem mais do que pesquisadores e resultados por trás de uma dissertação, existem vidas humanas! Você não foi só uma orientadora, mas em alguns momentos, conselheira, confidente e amiga. Você se tornou uma referência profissional e pessoal para meu crescimento. Obrigada por estar ao meu lado e acreditar em mim.

Ao Professor Timbane, que, de forma direta ou indireta, me ajudou muito neste trabalho e que me aceitou cursar sua disciplina com uma criança de apenas quarenta e cinco dias nos braços que, às vezes chorava e até mesmo atrapalhava, mas ele com paciência e educação levava na brincadeira e ainda com isso ensinava. Obrigada de verdade!

À doce e meiga Professora Vanessa, que de coração aberto, aceitou-me em sua sala de aula como estagiária e me ensinou que, para ser professora, é preciso, primeiramente, ter a capacidade de estabelecer relações humanas com as pessoas a quem se ensina. Obrigada por ter me dado à oportunidade de participar dessa experiência.

Ao Ilustre Professor Hildo, que mesmo não me conhecendo aceitou participar desta banca e contribuir com o meu trabalho. Mais que tudo, sinto-me honrada por ter como leitor do meu trabalho um Professor Emérito.

Agradeço também a CNPq pelo apoio financeiro, que foi importantíssimo para o desenvolvimento da pesquisa.

Finalmente, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Goiás e a todos os professores da Linha 3, do Mestrado em Estudos da Linguagem, por abrirem as portas para que eu pudesse realizar este sonho que era a minha pesquisa de mestrado. Proporcionaram-me mais que a busca de conhecimento técnico e cientifico, uma lição de vida. Ninguém vence sozinho.

Obrigada a todos!

*A primeira invenção da palavra não nasce*
*das necessidades, mas das paixões.*
Rousseau (1198)

## RESUMO

O interesse pelo tema adveio, primeiramente, da observação da intensa variedade linguísticas que se verifica na internet por usuários de todos os tipos em diversas mídias, especialmente no site de relacionamentos Facebook, assim partindo da importância entre as relações entre léxico, sociedade e cibercultura. Posto isso, o objetivo deste estudo se constitui em descrever e analisar neologismos por empréstimo, de base inglesa, (que contenham pelo menos, um morfema da língua inglesa em sua composição) que tenham sua ocorrência verificada em uma das redes sociais indicadas. Para tanto, ancora-se teoricamente nos domínios dos estudos lexicais, uma vez que parte da premissa que neologia não é gramática, neologia é léxico, é fenômeno lexical, mais especificamente, é ampliação do léxico. Pauta-se assim em Barbosa (1990), Biderman (1996), Nebot (2001), Welker (2004) Camacho (2008), Basílio (2011), Siqueira (2014, 2015), para revisar conceitos e definições de Lexicologia, de unidade lexical, de léxico, no sentido de rever e redirecionar concepções, pois no âmbito da capacidade de criação de palavras pelo falante, agora em rede, ocorrem fenômenos linguísticos em níveis como um todo, dependendo da motivação ou mesmo do contexto: morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos. *A priori*, este estudo assume que provavelmente, o léxico seja o agregador desses aspectos gramaticais que se circunscrevem aos neologismos, sejam palavras simples, ou não. A metodologia consiste da combinação de procedimentos que têm nos métodos de abordagem qualitativa seu suporte. Assim, procura combinar métodos que evidenciem a internet como "cultura", como "artefato cultural", com alguns passos das pesquisas de cunho etnográfico levadas para o ambiente da internet, e alguns procedimentos da netnografia, buscando dados que ainda estão por surgir, expressões novíssimas num suporte também, relativamente novo se se considerar que a internet pode ser tanto objeto de pesquisa quanto local de pesquisa como também a ferramenta de pesquisa.



**Palavras-chave:** Lexicologia**;** Neologismos; Empréstimos.

## ABSTRACT

The interest in the subject first came from the observation of the intense linguistic variety that is verified in the internet by users of all kinds in diverse media, especially in the site of relationships Facebook, thus starting from the importance between the relations between lexicon, society and cyberculture. Thus, the purpose of this study is to describe and analyze borrowed English-based neologisms (which contain at least one English-language morpheme in its composition) that have their occurrence verified in one of the indicated social networks. For this, it is anchored theoretically in the domains of lexical studies, since part of the premise that neology is not grammar, neology is lexical, lexical phenomenon, more specifically, is lexical expansion. This paper is based on Barbosa (1990), Biderman (1996), Nebot (2001), Welker (2004) Camacho (2008), Basílio (2011), Siqueira (2014, 2015) to review concepts and definitions of Lexicology, lexical, lexical unit, in the sense of revising and redirecting conceptions, because within the scope of the ability to create words by the speaker, now in network, linguistic phenomena occur at levels as a whole, depending on the motivation or even the context: morphological, syntactic , semantic, pragmatic. A priori, this study assumes that the lexicon is probably the aggregator of those grammatical aspects that are limited to neologisms, whether simple words or not. The methodology consists of the combination of procedures that have in the methods of qualitative approach their support. Thus, it seeks to combine methods that evidence the internet as "culture", as "cultural artifact", with some steps of the ethnographic research carried out for the Internet environment, and some procedures of netnography, searching for data that are yet to emerge, expressions brand new in a support also relatively new if it is considered that the internet can be both object of research and place of research as well as the research tool.



**Keywords**: Lexicology; Neologisms; Loans.

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO9

1 LÉXICO: ESTUDO, CONCEITOS, FACES, INTERFACES, INTERSECÇÕES12
1.1 Lexicologia12
1.2 Léxico: componente simultaneamente sistemático e aberto15
1.3 Unidade do Léxico *vs* Gramática18
1.4 Unidades complexas do léxico20
1.5 Relação Léxico e Cultura21
1.6 O espaço da cibercultura25

2 NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO: NOVAS PAISAGENS LEXICAIS28
2.1 Ambientes propícios à formação de palavras por empréstimo28
2.2 Neologia: Inovações Lexicais29
2.3 Neologismos por Empréstimos31
2.4 Outros Tipos de Empréstimos38
2.5 Processos de Formação de Palavras: velhos mecanismos, novas paisagens41

3 A METODOLOGIA DA PESQUISA44
3.1 A internet como cultura e como artefato cultural44
3.2 Etnografia virtual e Netnografia46
3.3 Procedimentos para Coleta dos Neologismos49

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS52
4.1 A Coleta dos dados53
4.2 Descrição dos Dados54

CONSIDERAÇÕES FINAIS66

REFERÊNCIAS69

# INTRODUÇÃO

A internet vem possibilitando, como nunca visto na história da humanidade, o encontro entre indivíduos de línguas e culturas diferentes, nos mais recônditos lugares do planeta, propiciando uma infinidade de situações que vão desde a constituição de áreas multilíngues, onde o número de línguas usadas por um indivíduo pode ser bastante variado, até situações em que a língua nativa é intensamente influenciada por outra de maior alcance tecnológico, econômico e cultural.

Esse cenário favorece um "face a face" ou, para tomar de empréstimo um termo do inglês, um *self service* linguístico em que o usuário da internet tem a sua disposição uma miríade de palavras e expressões que pode usar da maneira como lhe convier e em que contexto for. Todas as áreas da sociedade podem usar palavras estrangeiras, desde a cultura, tecnologia (maior incidência), esporte, arte, mesmo que haja em português um termo equivalente, isso não impede o empréstimo.

Entretanto, há algumas áreas cujos termos técnicos são intransferíveis. Seja de que forma for, à criação de palavras, subjazem inúmeras questões que uma vez explicitadas, podem revelar traços da inter-relação língua e cultura que é o interesse que sobreleva esta pesquisa e a área de estudos linguísticos a que se vincula.

Apresenta-se, assim, como hipótese de pesquisa, que tais neologismos muita das vezes desobedecem a norma culta, mas não perdem a compreensão, desde que o grupo participante entenda o que está sendo falado. A propagação destes vocábulos é bastante rápida e consequente desaparecimento, às vezes também muito efemeramente, não chegando a ser dicionarizados. Assim, pode-se pensar nos elementos que entram na formação de tais neologias, em que âmbito se formam, que elementos emprestam da língua inglesa?

Posto isso, cabe ressaltar que o interesse por este problema de pesquisa adveio da observação dessa dinâmica linguística facilmente verificada na internet, por meio de *posts* de usuários de todos os tipos, em diversas modalidades de suporte digital. Ainda, principalmente, pela leitura de dois trabalhos que estudaram o problema da criação de palavras na língua portuguesa por meio de empréstimos de outras línguas, nas redes sociais, com acentuada predominância de empréstimos de étimos da língua inglesa.

São eles: o estudo de Verena Santos Abreu (2010), que analisa os neologismos em comunidades do Orkut. A autora enfoca os títulos das comunidades e revê os mecanismos de formação de palavras que de certa forma, constituem hibridismos, já que juntam às bases inglesas, prefixos ou sufixos da língua portuguesa.

O outro trabalho que mereceu uma leitura mais atenta foi a monografia de conclusão do

curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, de Nair Fernandes Pereira (2015), que descreve neologismos por empréstimos de base inglesa, em expressões giriáticas, com dados também coletados nas redes sociais. Esses dois estudos possibilitaram as primeiras incursões no ambiente virtual já com o olhar mais atento às inovações lexicais.

Considerado o léxico âmbito aberto da língua, propõe-se aqui um estudo que situe a questão da criação de palavras no âmbito da Lexicologia, ainda que se reconheça que alguns fatores devem ser analisados em suas correlações morfológicas. Em outras palavras, deve-se recorrer, em algumas situações, a conceitos da morfologia lexical e às teorias da significação que partem da inter-relação língua cultura para tentar descrever os neologismos que não se ancoram nos mecanismos morfológicos do português para criação de palavras. A fim de descrever elementos novos aportados mais recentemente nos meios sociais, recorrer-se-á a algumas teorias de cunho lexical.

Sobre o aspecto aberto (cf. Capítulo 1), pode parecer paradoxal dizer que o léxico é, simultaneamente, sistemático, porque tem um caráter estável, construído sobre base própria, estável, tem identidade, porém por outro lado, aberto, com possibilidade de escape, de se ver permeado por outras tantas neologias.

O primeiro capítulo veste essa roupa lexicológica para percorrer um caminho que se vincula aos conceitos de Barbosa (1990), Biderman (1996), Nebot (2001), Welker (2004) Camacho (2008), Siqueira (2015), sobre Lexicologia, léxico, para rever e redirecionar alguns questionamentos, pois em relação à capacidade criadora do falante, ocorrem fenômenos linguísticos em níveis como um todo.

Assim, é provável que o léxico seja o agregador desses tantos aspectos gramaticais que se circunscrevem aos empréstimos. Nesse capítulo, faz-se uma revisão dos conceitos referentes à área de estudos lexicológicos e ainda da cultura, da cibercultura e respectivamente suas interfaces.

O segundo capítulo procura revisar alguns conceitos alusivos aos processos de criação lexical comum a diversas línguas faladas no mundo. O processo geral de formação de palavras é conceituado como fenômenos da neologia que tem como resultado uma palavra novíssima criada, atribui-se assim, o conceito “neologismo”. O conteúdo do capítulo esboça-se em torno das concepções teóricas acerca dos fatos neológicos, tanto aqueles criados por processos circunscritos à própria língua, os chamados mecanismos autóctones, como por outros recursos linguísticos tais quais itens emprestados de outras línguas.

A presente pesquisa tem como objetivo geral uma maior a caracterização do léxico, com atenção especial para os neologismos de base inglesa, produzidos por determinados grupos de usuários do Facebook.

Nesse sentido, o interesse é investigar a relevância do léxico utilizado em publicações de domínio público destes sites de relacionamentos, considerando os neologismos criados a partir de palavras de origem inglesa; assim como a relevância deles para pressupor significações e, assim sendo, crenças e valores. Os objetivos específicos buscarão detalhar o processo de formação destas novas palavras, tanto ao nível dos estudos semânticos, quanto os morfológicos.

Cabe enfatizar que o terceiro capítulo não possui volume simétrico em relação aos dois primeiros, no entanto, optou-se por abrir um capítulo em separado para apresentar os procedimentos de pesquisa e o tipo de abordagem metodológica que se priorizou. Entende-se que isso confere ao estudo maior cientificidade e mais cautela frente ao objeto de pesquisa que envolve a publicização de palavras, postagens e expressões que são públicas, pois estão *on line*.

No entanto, devem ser preservadas para garantir a integridade ética que toda pesquisa requer. O capítulo traz, além dos procedimentos de pesquisa, uma breve síntese da combinação dos métodos usados para recolha dos dados e posterior constituição do *corpus* a ser analisado.

O quarto capítulo traz os dados selecionados, a descrição e discussão à luz do aporte teórico revisado nos dois primeiros capítulos.

Considera assim que, de acordo com Santaella (2013), a internet está na era da mobilidade, o que a autora chama de “tecnologias nômades”, porque operam em espaços físicos não contíguos e estão também gestando novas subjetividades, o que torna a recolha de dados no ambiente virtual cada vez mais fluida, mais instável. Por isso, a premência de se combinar, ou *a posteriori*, cambiar métodos e especificar como são escolhidos os dados, como é feito o *corpus* de exclusão lexicográfica.

# 1 LÉXICO: ESTUDO, FACES E INTERFACES

*Puseram-se a discutir a questão intrincada.*
*Como podiam os homens guardar tantas palavras?*
*Era impossível ninguém conservaria tão*
*grande somas de conhecimentos.*
*(RAMOS, p,57,2008)*

Dado o caráter mais aberto do léxico, é pertinente trazer (para) ou incluir a questão da criação de palavras no âmbito da Lexicologia, mesmo reconhecendo que alguns fatores devem ser explicitados em suas correlações morfológicas e semânticas, ou melhor, deve-se recorrer a conceitos da morfologia lexical e das teorias da significação que partem da inter-relação língua cultura para tentar explicar, principalmente os neologismos, que não se ancoram na língua nativa para descrever elementos novos aportados mais recentemente nos meios sociais. Fronteiriço, vale aqui uma ressalva, porque, paradoxal e simultaneamente, o léxico é sistemático, isto é, tem um caráter estável, construído sobre base própria, estável e definida, tem identidade, mas por outro lado, aberto, volátil, com possibilidade de escape de se ver permeado e impregnado por outras tantas xenofacetas.

Com essa perspectiva, este capítulo percorre um caminho que se vincula aos conceitos de Barbosa (1990), Biderman (1996), Nebot (2001), Welker (2004) Camacho (2008), Basílio (2011) entre outros, sobre Lexicologia, unidade lexical, léxico, no sentido de rever e redirecionar questões uma vez que, no universo criador de palavras, essa capacidade intrínseca do falante, agora em rede, ocorrem fenômenos linguísticos em níveis como um todo, dependendo da motivação ou como preferirem do contexto: fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos. Dessa forma, é provável que o léxico seja o agregador desses aspectos gramaticais que se circunscrevem aos neologismos (empréstimos[1]), sejam palavras simples, ou lexias complexas. Neste capítulo, faz-se uma revisão dos conceitos referentes à área de estudos lexicológicos e ainda conceitos de cultura, cibercultura e interfaces.

## 1.1 Lexicologia

1 Como exemplo: ser thug life [☮tugi: ☮la:jfI] neologismo locucional.

A despeito do interesse pelo estudo da palavra[2] remontar à Antiguidade Clássica, os estudos do léxico são relativamente recentes, pode-se até dizer que ocuparam, por algum tempo, um segundo plano nos estudos da linguagem. Só recentemente, vêm emergindo para um plano de maior visibilidade dentro dos estudos linguísticos. Às palavras se destinava apenas o jogo mecanicamente alfabético de defini-las pelas expressões literárias prenunciando a Lexicografia e, posteriormente, a Lexicologia.

Assim, por volta do fim do século XIX, a Lexicografia teria suas funções já definidas. E, apenas mais tarde, com a distinção entre onomasiologia e semasiologia, os estudos da linguagem encontrariam um terreno teórico fértil ao recrudescimento de dois métodos que, em suas bases, refletem o primado da palavra sobre o som com as designações de semasiologia e onomasiologia (BALDINGER, 1966), cada método a seu modo, ateve-se ao estudo das palavras e seus significados ou sentidos.

Vale como excurso: ao estudar uma palavra, pode-se realizar o percurso ora da palavra para os seus sentidos e referentes, ora de um significado ou conceito para as diferentes palavras que o designam. Consideradas as definições de Baldinger, a diferença de percurso investigativo entre semasiologia e onomasiologia se estabelece na base de distinção entre dois fenômenos semântico lexicais, a significação e a nomeação, portanto, dois fenômenos intrinsecamente relacionados (inseridos) nos domínios da Lexicologia.

Segundo Welker (2004), a lexicografia é a disciplina de elaboração de dicionários. A lexicografia é uma disciplina indissociável da lexicologia, já que estas estão intimamente ligadas pelos laços do léxico. Cabe à Lexicografia, porém, a atividade de catalogar e descrever o léxico a fim de produzir dicionários e outros instrumentos lexicográficos, tanto impressos quanto eletrônicos, estes podem conter todos os tipos de itens lexicais ou tipos específicos, podem ainda ser bilíngues, trilíngues ou multilíngues. É possível ainda ressaltar que o intuito dos estudos da Lexicografia é o trabalho sobre *corpora* que descrevam de maneira eficaz o uso do léxico.

Para Nebot (2001, p. 17), ambas as palavras (Lexicografia e Lexicologia) aparecem no "diccionario de la lengua castellana", de Terreros, em 1734, com definições que as distinguem nos seguintes termos: Lexicografia, "arte de la ordenación de um Diccionario," e Lexicologia definida como "el tratado de la voz, ó palavra em particular; por sua voz em particular". Para Terreros (*apud* NEBOT, 2001), lexicologia é a palavra do homem, é o som articulado que significa, que denota, que remete a, pelo menos, um significado.

---

2 O conceito de "palavra é discutido" de acordo com Biderman (2001) em item específico.

Nebot (2001) traça o caminho desses dois termos através do desenvolvimento da linguística como ciência ilustrando com citações de vários autores a visão de cada corrente de pensamento em relação ao estudo do léxico. De acordo com Nebot (2001, p. 180), o "Diccionario Nacional" define Lexicologia como ciência que trata do conhecimento fundamental das palavras, considerando sua relação com o valor, a etimologia e também tudo o que for indispensável para aprofundar para compor o léxico.

Nebot (2001) acrescenta várias definições de Lexicologia que constam nos dicionários espanhol desde a primeira ocorrência a abordagens mais atualizadas dos termos.

Por outro lado, é comum definir a Lexicologia como um ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Entretanto, para Barbosa (1990), as tarefas que cabem à Lexicologia são bastante numerosas haja vista a complexidade do nível de articulação morfo-sintático-semântico dos itens lexicais. Segundo Barbosa (1990, p. 153), incluem-se entre essas tarefas: "definir conjuntos, e subconjuntos – universo lexical, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e definir a unidade lexical de base – a lexia [...]". Cabe às ciências do léxico ainda inúmeras outras tarefas que fazem com que sua abrangência epistemológica abarque ainda modelos teóricos subjacentes a diferentes categorizações de diferentes denominações.

Fato relevante é observar que os estudos do léxico possibilitam também examinar as relações do léxico de uma língua com meio natural, cultural, a transposição de realidades continuamente operada e recriada pelo léxico, o real e o virtual recortado pelo léxico da língua ou pelos empréstimos que se fazem face às percepções do mundo.

Já para Camacho (2008), a Lexicologia é o estudo da organização do léxico dentro da língua e, cabe a ela, as análises do léxico. Por seu caráter pluridisciplinar, o léxico pode ser estudado vinculado a aspectos históricos, geográficos, fonéticos, morfológicos, sintáticos, culturais e sociais.

Para Gaspar y Roig (*apud* NEBOT, 2001), a Lexicologia é a ciência que tem como objeto o conhecimento das vozes (palavras) consideradas sob o ponto de vista de seu valor, etimologia e tudo que necessita para compor o léxico. Como se vê, as definições evidenciam a questão da significação como âmbito do estudo da Lexicologia, ressaltando para tanto a busca das diversas acepções que uma palavra pode ter. Isso apenas mostra que antes do aparecimento da Semântica, criada em 1883 por Michel Bréal, questões de valor da etimologia, significação e, posteriormente, referência, estavam a cargo exclusivamente da Lexicologia, como parte da gramática que se atinha ao estudo de vários aspectos das palavras, inclusive e especialmente a observação da formação de palavras.

Convém ainda, à guisa de esclarecimento, retomar as palavras de Krieger e Finatto (2004, p. 44), porque faz repensar na verdadeira amplitude da Lexicologia:

> Os estudos lexicais tardaram a ser valorizados em virtude da concepção de que o léxico só comporta irregularidades. Essa equivocada visão relaciona-se largamente ao dinamismo do componente lexical das línguas que amplia e se transmuta conforme crescem e se alteram as necessidades de referência designativa e conceitual das sociedades.

Desse modo, esse pensamento até certo ponto equivocado trouxe uma visão da Lexicologia como uma área de procedimentos difusos, porque diferentes visões e interesses a permeavam. Isso se deve obviamente à complexidade de seu objeto de estudo, o léxico, cujas facetas e abordagens encerram e permitem vastíssimas possibilidades.

Para Krieger e Finatto (2004, p. 44-45), a "Lexicologia configura-se como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar dado que a palavra é lugar de encontro [e desencontros[3]] e interesse particular de muitas ciências a iniciar pela Filosofia [...]" e continua:

> [...] é nesse contexto que as unidades léxicas de idioma passam a ser observadas e descritas, caracterizando-se a abordagem lexicológica propriamente dita. Considerando que a constituição da palavra reside, em essência, na dualidade forma/conteúdo, o que pressupõe ainda a funcionalidade das unidades léxicas, Lexicologia relaciona-se intimamente com a gramática, em especial com a Morfologia, envolvendo a problemática da composição das palavras, da categorização léxico-gramática; bem como vincula-se aos enfoques sobre a estruturação dos sintagmas; além das relações com a Semântica.

Sobre a dualidade forma/conteúdo, difícil não ver aí resquícios do dualismo do pensamento platônico (tão impregnado no pensamento ocidental) para o qual a Ecolinguística[4] tem apresentado alternativas mais amplas para compreensão dos fatos da linguagem humana.

Ao finalizar este item, constata-se mais uma vez, o lugar de fronteira da Lexicologia, mesmo no interior da própria Linguística, dada sua intersecção com as diversas outras áreas de investigação em que se desenvolvem teorias e linhas de análise sobre o papel do léxico nos diferentes sistemas linguísticos.

### 1.2 Léxico: componente simultaneamente sistemático e aberto

Muito há de se discutir acerca dos conceitos que se atribuem ao termo léxico, o que estenderia este item além de seu próprio escopo, mas necessário se faz trazer à baila pelo menos algumas poucas palavras no sentido de entender o quão vasto é o domínio dos estudos do léxico

---

3 Acréscimo nosso.

4 Embora não esteja fundamentado ecossistemicamente, este estudo recorre, em certos momentos, a alguns conceitos da Ecolinguística, como forma de ampliar a discussão de um ou outro conceito ou dado. A título de informação: A Ecolinguística completou sua primeira década de pesquisas no Brasil em 2017.

que, paralelamente, reflete as questões imbricadas nesta complexa rede de relações línguoculturais[5] em que níveis linguísticos se interpõem para significar (ou ressignificar) as diversas manifestações linguísticas do pensamento humano.

No léxico de qualquer língua, podem ser incluídas unidades diversas e heterogêneas, sejam monossílabos e vocábulos simples até expressões bastante complexas do ponto de vista de sua formação (composição), ou melhor, sequências formadas por vários vocábulos inclusive frases inteiras como as expressões idiomáticas e os provérbios.

Para Biderman (2001), o léxico pode ser entendido como o conjunto de todas as palavras de uma língua, ou melhor, é o vocabulário dessa língua.

Na verdade, o homem tende a nomear tudo que faz parte de seu universo, classificando e dando significado a tudo que o cerca. Conforme Biderman (1996), toda realidade circundante possui um nome, inclusive as próprias pessoas. Aliás, uma das primeiras ações em relação a um recém-nascido é a escolha de um nome. Nomear é conhecer e o léxico associa-se ao conhecimento e a qualquer processo de denominação (seja de objetos ou de novos comportamentos), é o resultado de operações perceptivo cognitivas. Para Biderman (1996), o léxico é o *locus* do conhecimento sob o rótulo de palavras.

As palavras são associadas a conceitos que dão sentido ao mundo, nomeando as coisas que nele há e formando o universo referencial que se tem dentro de uma língua. Cabe salientar que tudo isso é permeado pela visão de cada povo. De acordo com Sapir (1969), ao captar e registrar aspectos extralinguísticos que se circunscrevem ao ato de nomeação da realidade, o falante faz com que exerçam figurativamente a função de refletores de características físicas e culturais do ser nomeado, retratando a interinfluência entre homem, língua e cultura.

Nesse sentido, Sapir (1969) também observa que, em relação aos léxicos mais específicos, é necessário enfatizar que não são a topografia e a fauna da região em si mesmas que a língua recorta e reflete, mas sim o interesse do grupo por tais entidades. O léxico dá forma e conteúdo ao mundo, à realidade, o que permite compor a memória individual e coletiva. Cabe salientar que compreender o léxico de uma língua pode ser um tanto complexo, pois as palavras são associadas a conceitos próprios de cada cultura, atribuídos pelos falantes e, como qualquer bem cultural, é legado de geração a geração, mas não de forma estática, estão em constantemente variação e mudança.

Para Greimas (*apud* NEBOT, 2003, p. 121), "o léxico se constitui em um espelho da vida. Espelho da vida [...] tanto material como intelectual e espiritual", e Rohlfs (*apud* NEBOT, 2003, p. 121, tradução nossa) ainda enfatiza que é claro que as relações entre língua e cultura são mais

5 Termo de Dick (1990).

evidentes e visíveis no domínio da cultura material, como se fazem mais vagas e indiscriminadas conforme nos aproximamos da cultura espiritual".

Antunes (2012, p. 27), no afã de responder: "o que é o léxico de uma língua? Em que consiste?", recorre a alguns autores para definir o termo "léxico". Assim cada um dos autores, por um viés teórico, define léxico estabelecendo vínculos epistemológicos que desnudam, de certa forma, as concepções que subjazem às diferentes visões de mundo que estão, por sua vez, na base de todas as correntes linguísticas que já trataram do problema.

Para Castilho (2010, *apud* ANTUNES, 2012, p. 28), por exemplo, "palavras são representação linguística [...] matrizes cognitivas [...] o léxico corresponde ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas" Castilho (2010), discute e vê o léxico como representação em termos cognitivos, para o que Marchuschi (2004) reitera a impossibilidade de pensar o léxico à margem da cognição social.

De acordo com Antunes (2012, p. 28), o léxico pode ser entendido "como uma espécie de memória representativa das matrizes cognitivas construídas", mas evidentemente, que se trata de memórias em movimento, numa marcha dinâmica expressivamente marcada pelo contexto em que se funda e se desenvolve. A dinâmica do léxico faz com que ele seja, segundo Marchuschi (2004), o nível de realização linguística, tido como mais instável, irregular e até mesmo incontrolável.

Para Makkai (1996, *apud* COUTO, 2007, p. 189), "uma palavra é um ponto de 'conexão[6] ativado ou inativado em uma complexíssima rede de relações semânticas, gramático-morfológicas e fonético-fonológicas". Em outras palavras, o léxico, segundo Makkai, é o conjunto de palavras ativadas (léxico real) e inativadas.

Em consonância com os preceitos da Ecolinguística, definidos em Couto (2007), é possível atribuir ao léxico certa porosidade[7], conceito que se caracteriza por apresentar fronteiras não muito bem delimitadas, análogas às dos ecossistemas. Dessa forma, o léxico, com seu caráter extremamente elástico, é um componente linguístico "poroso". Poroso porque é o componente linguístico, segundo Couto (2007), que mais apresenta a característica da abertura (ou porosidade), o componente que está em contínua adaptação às novas circunstâncias, às novas configurações da rede de inter-relações (reais ou virtuais).

Por outro lado, Antunes (2012, p. 30) ressalta que o léxico não é apenas um rol, uma lista extensa das coisas do mundo:

> A ideia de que o léxico da língua, em relação às coisas do mundo, não é uma espécie de nomenclatura ou a outra de que a língua não é um espelho que reflete

6 Grifo do autor.

7 Conceito da ecologia, do ponto de vista da Ecolinguística, são conceitos ainda em construção.

> fielmente o mundo são aceitas há bastante tempo por linguistas de diferentes correntes teóricas.

Os estudos linguísticos já caminharam o suficiente para desenvolver a ideia de que a atividade linguística vai muito além do simples exercício de nomear (embora o ato de nomear caminhe com o homem desde os primórdios da humanidade) de designar, de rotular os objetos e os seres do mundo, de falar sobre eles.

Nesse sentido, ainda na esteira do pensamento de Antunes (2012, p. 32), cabe lembrar que todo esse movimento do léxico das línguas deriva de outro dinamismo que por sua vez, marca a regularidade da própria vida de todos os grupos sociais, a saber: as "unidades do léxico *vs.* Gramática".

## 1.3 Unidade de conceituação do Léxico *e da* Gramática

Antes de adentrar no âmbito da separação léxico/gramática, convém reiterar que o conceito que vem pautando as discussões sobre Lexicologia e léxico até este item adveio do conhecimento tácito[8] do que é palavra e já seria suficiente para sustentar as questões teóricas propostas neste estudo, porém Biderman (2001) delimita três critérios: (i) fonológico, (ii) gramatical e (iii) semântico.

A autora tece alguns comentários e apresenta exemplos acerca da interpretação dos três critérios e insiste na seguinte postura:

> a definição e a delimitação da unidade lexical não podem prescindir do critério semântico. Se a fonologia nos ajuda a reconhecer segmentos coesos fonicamente e se a gramática no leva a identificar as formas linguísticas manifestas nesses segmentos, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica expressa no discurso. [...] Em resumo, para determinar as unidades léxicas de um discurso, ou de um *corpus*, o linguista deverá operar, simultânea e sucessivamente, com os três critérios: análise fonológica, a gramatical e a semântica (BIDERMAN, 2001, p. 155).

Para Basílio (2000), a palavra é uma das unidades da língua de fácil reconhecimento, mas de difícil definição. Isso ocorre porque na língua falada não se fazem pausas sistemáticas entre cada palavra pronunciada. Em relação à escrita, não há problemas de definição nesse aspecto, já que se pode definir a palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços ou sinais de

---

8 A realidade intuitiva da palavra é testemunhada pelo hiato de que muitos sistemas de escrita dividem as sentenças em unidades dimensionadas como palavras (marcando tipicamente as fronteiras entre as palavras com espaços) [...] Langacker (1972 apud, BIDERMAN, 2001, p. 100).

pontuação. Basílio (1987) se refere, obviamente, às sequências possíveis na língua; uma sequência como *pwtykq* seria interpretada como um provável erro de digitação, não como uma palavra do português.

Entretanto, não é nesse aspecto em que se detém Basílio (2000), nem na questão já explicitada por Câmara Jr. (1970, p. 69) acerca do "vocábulo formal e do vocábulo fonológico" [☭ka. li. si] *x* [☭ka. li. si[9]], mas é em outro eixo da definição de palavra que as dificuldades germinam: trata-se da distinção que normalmente se estabelece entre duas palavras distintas e duas formas da mesma palavra. À guisa de exemplo: mesa e mesas são duas formas da mesma palavra, mas mesa e mesinha são duas palavras diferentes. Assim como "dizem" e "dizemos" são duas formas do verbo dizer, porém o falante comum entende-as como palavras diferentes.

Para Basílio (2000, p. 12-13), a diferença entre palavras distintas e diferentes formas da mesma palavra:

> é colocada a partir da diferença entre flexão e derivação. O problema é que não há uma distinção nítida e definitiva entre os conceitos de flexão e derivação, e muitas vezes a diferença entre os dois conceitos é colocada como decorrente da diferença entre "palavras distintas" e "formas de uma mesma palavra". Por ora, podemos prosseguir com o conceito intuitivo que temos de palavra, que nos faz concordar que par/pares são duas formas, singular e plural, da mesma palavra, enquanto par/ímpar são duas palavras distintas. É bom lembrar, no entanto, que há casos em que, mesmo intuitivamente, as coisas não são tão claras. Vejam, por exemplo, o caso do particípio passado. Devemos considerar, digamos, perdido como uma forma do verbo perder ou como uma outra palavra? Essa equivale à questão de se devemos considerar o particípio passado como um caso de flexão ou um caso de derivação. Nos seus diferentes eixos, o conceito de palavra sempre constituiu um problema para gramáticos e linguistas. Entretanto, a palavra é uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa.

Assim, necessário se faz situar os pontos em que léxico e gramática se entrecruzam, pois, para a formação de novas palavras, seja usando mecanismos da própria língua, seja mediante amálgamas de recursos de duas ou mais línguas, esses dois níveis linguísticos se interseccionam para criar palavras simples ou mesmo palavras complexas[10]. Isso não pressupõe nenhum tipo de hierarquia do léxico sobre os demais níveis linguísticos, ainda que para Aronoff (1976), o termo léxico, neste sentido, seja mais abrangente e significa que a fonte das entradas reais e virtuais em contraponto ao sentido limitante de lista de itens, herdada da tradição gramatical ocidental e de procedimentos das teorias estruturalistas e formalista aos moldes dos estudos de Bloomfield.

---

9 Apenas a concorrência dos três critérios pode delimitar qual seja a palavra.

10 Palavras complexas são definidas no item 1.4.

Trata-se de enfatizar a função denotativa do léxico, ou seja, da intersecção léxico/gramática naquilo que tange aos processos de formação de palavras não somente em seus aspectos sintáticos, mas ainda em seu aspecto semântico. Basílio (2004, *apud* BASÍLIO, 2011, p. 101) enfatiza que: o léxico assim,

> é concebido como um sistema de formas simbólicas que evocam conceitos, formas que utilizamos na construção de enunciados. Mais do que um conjunto de formas, portanto, o léxico é um sistema que contém e (re) produz formas na medida de nossas necessidades de representação conceitual e construção de enunciados para fins de comunicação. Adicionalmente, dado o papel do léxico nas línguas, é necessário que esse sistema de caráter simbólico, base para um sistema de comunicação que exige considerável rapidez de acesso, seja ágil e permita o acesso global permanente a uma quantidade gigantesca de informação organizada. Os padrões morfológicos exercem um papel necessário internamente ao sistema, na medida em que são responsáveis pela formação e reconhecimento de construções, sendo o significado, função e emprego de construções lexicais sinalizadas pelas marcas morfológicas correspondentes.

A criação de palavras é marcada por dois fatores essenciais em que se ancoram este estudo. De um lado, aqueles processos internos, mecanismos disponíveis na própria língua para formar novas palavras e promover a expansão do léxico, por outro, a busca, ou empréstimo de termos ou elementos de outras línguas para designar novos itens, novos objetos culturais, novos comportamentos. Criam-se palavras a todo instante na língua, sejam palavras simples, compostas, frases complexas à moda de fraseologias. Assim, a próxima seção, pautada em Biderman (2005), traz uma revisão desses conceitos a fim de contrapô-los aos tipos de empréstimo discutidos no segundo capítulo, haja vista a variedade de combinações (híbridas) que surgem nas redes sociais tanto usando lexias simples como frases inteiras com sentido ao contexto.

## 1.4 Unidades complexas do léxico

O léxico é um nível linguístico constituído de elementos bastante heterogêneos. A esse respeito, Biderman (2005, p. 474) reafirma que nele se incluem tanto unidades monossilábicas e vocábulos simples como também sequências complexas compostas por

> [...] vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios. Por outro lado, não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma. Aliás, o fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável. Acresce ainda que os falantes muitas vezes discordam sobre o grau de

> cristalização de tais sequências. Assim, as fronteiras de demarcação do que já está estocado no tesouro lexical da língua e o que é combinatória discursiva são fluidas.

Por isso, a identificação de cada unidade dentro da complexidade da sequência de unidades exige uma consistente fundamentação teórica, o que tem gerado problemas na identificação da unidade fraseológica como um todo não restrita à soma da análise pura e simples de suas partes unitárias. Isso se dá em decorrência, segundo Biderman (2005), do fato de não haver fundamentação em uma teoria lexical, sobretudo em um conceito bem estabelecido de unidade lexical. O que leva à questão: deve-se chamá-las frase, formas ou expressões complexas? Ou considerá-las já cristalizadas como as expressões idiomáticas e os provérbios[11]? Ou ainda, seguindo a tradição gramatical, apenas considerá-las palavras compostas pela concorrência de mais uma base na sua formação?

No segundo capítulo, que trata do fenômeno neológico, há outros fatos envolvendo unidades complexas, mas que tiveram naturalmente um tratamento teórico mais voltado para os aspectos do tipo de empréstimo que se pretende analisar, mas tentando de certa forma comparar à complexidade das unidades fraseológicas da língua nativa.

### 1.5 Relação Léxico e Cultura

Ainda que de maneira indireta, até aqui, nestas discussões em torno dos conceitos lexicais, subjaz a noção de que língua e cultura se acham intrinsecamente relacionadas.

Assim, o objetivo desta seção é rever brevemente alguns conceitos de cultura, mais aos moldes do entendimento dos linguistas e, pautado em Seabra (2015), fechar o capítulo retomando a questão do vínculo estreito entre as palavras da língua e a história, o ambiente, a cultura, enfim, o pensamento de uma época.

Para Câmara Jr. (2000), não é tarefa do linguista definir o termo cultura; ademais, há de se considerar a própria controvérsia que há em torno do termo. Mais conveniente, portanto, é mencionar algumas teorias da cultura. Para tanto, convém citar Seabra (2015, p. 68), que faz um apanhando dos conceitos conforme se pode ver a seguir: (i) cultura como algo que é aprendido, em contraposição ao natural,

> A cultura como algo distinto da natureza: ou seja, a cultura é aprendida, transmitida, herdada de geração a geração pelo homem, mediante a comunicação linguística, mas não está ligada a traços genéticos e sim sujeita a influências do ambiente em que se vive. Essa ideia de oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por antropólogos de origem alemã como

11 Em relação a este estudo, estas, naturalmente, se excluem.

> Franz Boas que, influenciado pela filosofia de Immanuel Kant e, também, por filósofos idealistas do século XIX, via na cultura a possibilidade da pessoa sair de uma visão individual, portanto limitada das coisas, para tomar o ponto de vista do outro.

Seabra (2015, p. 69) traz ainda a teoria da cultura como conhecimento, conjunto de conhecimento de valores que os indivíduos compartilham,

> A cultura como conhecimento: os membros de uma cultura devem compartilhar certos modelos de pensamento, maneiras de ver o mundo, de fazer inferências e suposições. Esse conhecimento é socialmente distribuído, o que significa reconhecer que o indivíduo não é sempre o ponto final nos processos de aquisição, isto é, o conhecimento não se encontra totalmente na mente de uma pessoa, pois reside, também, nas ferramentas que a pessoa utiliza.

Traz ainda o conceito de cultura vinculado à comunicação, em que Seabra (2015, p. 71) situa o sentido das mensagens linguísticas não apenas ao caráter convencional das relações sígnicas, mas ao contexto em que ocorrem.

> A cultura como comunicação: inspirada em trabalhos sobre a dêixis, a força comunicativa da cultura não representa, unicamente, aspectos da realidade, mas, também, conecta os indivíduos, os grupos, as situações e os objetos, com outros indivíduos, grupos, situações e objetos ou, em um sentido mais geral, com outros contextos. Segundo esta visão, o significado das mensagens, atos e situações se realiza não só por meio de relações convencionais entre os signos e seus conteúdos, mas também por meio de conexões entre aspectos selecionados da situação e aspectos de outras situações.

Esse aspecto do conceito de cultura remete à ubiquidade que, segundo Santaella (2013), faz surgir elementos de uma cultura *on line*, representativa de uma geração que tem suas dúvidas saciadas instantaneamente, sem a presença de nenhum professor ou material impresso, dicionário, por exemplo, o que facilita também a criação de expressões neológicas, tópico do próximo capítulo. Para Santaella (2013), é necessário levar em conta que uma cultura emergencialmente ubíqua é dispersiva, descontínua, deve ser pensada de forma mais sistemática.

Por outro lado, Seabra (2015, 71) traz ainda o conceito de cultura como sistema de mediação:

> A cultura como um sistema de mediação: segundo esta ideia os seres humanos se utilizam de “ferramentas” como objetos de mediação que se interpõem entre eles e o seu entorno. Um dos sistemas dessa mediação é a linguagem que, por sua vez é considerada um produto histórico e, portanto, deve ser entendida dentro do contexto do processo que a produz.

E, complementando todas essas considerações em torno do conceito de cultura, Seabra (2015, p. 71-72) acrescenta as ideias de cultura como sistema de práticas, baseada no conceito de *habitus* de Bourdieu e finalmente a cultura como sistema de participação em que enfatiza o âmbito social, coletivo, participativo e a comunicação linguística.

> A cultura como um sistema de práticas: não se pode estudar uma língua sem considerar a condições sociais que permitem sua existência, pois ela é um conjunto de práticas não só individuais, mas, também, comunitárias. [...] A cultura como um sistema de participação: segundo esta teoria, a cultura é inerentemente social, coletiva, participativa e a comunicação linguística é vista como parte de uma rede de recursos semióticos sobre os quais discorre a nossa vida, vinculando-nos às histórias sociais concretas e a suas instituições.

Posto que a língua é a expressão genuína da inter-relação cultura/linguagem, mais especificamente mostrada (refletida) pelo seu léxico, é com palavras (novas ou vernaculares) que os indivíduos expressam seus valores e o sentido da vida e vão fazendo história e histórias; devido a isso é que é preciso estudar a língua, mergulhando, sobretudo, nas culturas que permeiam a língua.

Ora, como já foi dito, o léxico é o depositório do patrimônio cultural de uma comunidade. Legados geracionais, como signos operacionais, é, por meio dos nomes que o falante exercita e mantém a sua capacidade de expressar sentimentos e criar e, ao mesmo tempo cristalizar concepções. Dessa forma, o patrimônio lexical de uma língua constitui um acervo que guarda e preserva as aquisições culturais significativas de uma sociedade.

Couto (2002), nesta perspectiva, ressalta também que a característica das relações foi chamada de reciprocidade, interdependência e outros nomes, deixa claro que a ecologia se ocupa não de coisas, mas de relações que se dão entre elas, bem como das que se dão entre ela e o contexto em que estão inseridas. O que domina no interior do ecossistema são relações, não entidades reificadas. Para que haja relação entre dois seres, é necessário que haja algum tipo de previsibilidade, ou seja, de sistematicidade. Tanto que um dos conceitos ecológicos mais fundamentais, talvez o mais fundamental, é o de ecossistema.

Deve ficar claro, porém, que, contrariamente ao que se dava na ciência clássica newtoniana e cartesiana e nas diversas teorias estruturalistas da linguística, quando falamos em “coisas” e “seres” na nova ciência, na verdade estamos nos referindo a pontos em uma complexa rede de relações. A questão das relações é tão importante para a perspectiva ecológica que autores tão diversos quanto Odum e Rueckert a consideram como o seu primeiro princípio. Rueckert (1996) fala dessas características como sendo “A primeira Lei da Ecologia” (p.108). Em outra passagem, ele diz que ela é um dos princípios mais fundamentais da ecologia (118).

Capra (2006) não usa a expressão "princípio". No entanto, ao falar em mudança de paradigma, está pensando justamente em conexões, em interdependências, em que tudo estaria relacionado a outra rede maior, até se chegar a uma imensa rede de relações. Tanto que seu terceiro livro citado na bibliografia se intitula *A teia da vida*. A mudança de paradigma de partes fragmentadas para partes que se definem em relação ao contexto maior (todo holismo) em que se inserem implica justamente isso. Não é para menos que o conceito mais fundamental de toda a ecologia seja o de ecossistema, que é uma totalidade.

Couto (2002) *apud* Odum (1971:8) considera as inter-relações, juntamente com o holismo, como as duas propriedades mais importantes da ecologia. Como as relações de simbiose entre os diversos seres vivos de uma biocenose, podem ser intraespecíficas ou interespecíficas. Tanto as primeiras quanto as segundas podem ser ainda harmônicas ou desarmônicas. No caso da língua interessam primordialmente as relações simbióticas intraespecíficas harmônicas. É devido a uma convivência de indivíduos ao longo do tempo em um mesmo território, em que necessariamente se dão tentativas de interação comunicativa, que surge a língua como sistema, donde a ecologia fundamental da língua.

Por outro lado, a interação concreta entre dois indivíduos só se torna possível quando os dois estão espaço temporalmente próximos um do outro, geralmente frente a frente, e com uma disposição para uma interação comunicativa. Ora, para que seja interação comunicativa é preciso que não apenas preexista um sistema, mas também que haja uma predisposição para a interação.

Segundo Couto (2002), a predisposição para a comunicação é o que se chama de comunhão, que é justamente um tipo de simbiose intraespecífica harmônica.

Partido desse pensamento, de que para que haja predisposição para a interação é importante que haja união e vice-versa, trazemos a tona deste capítulo o objeto de estudo desta pesquisa, as redes sociais, com atenção especial para o Facebook. Ultimamente algumas pesquisas apontam para o fato de que usuários se encontram menos com pais, amigos, filhos e até parceiros por causa da internet; 'mudanças são tão profundas como foi à descoberta do fogo'

Por outro lado, com as crescentes inovações tecnológicas, as culturas vão sendo afetas, mesmo as mais longínquas sofrem algum tipo de alteração em suas bases culturais, haja vista o processo estrondoso de globalização que vem solapando pequenas comunidades resistentes ainda ás inovações midiáticas por considerá-las danosas justamente às tradições locais. O próximo item traz alguns apontamentos acerca do conceito de cibercultura e suas implicações para os processos linguísticos de uma maneira geral.

## 1.6 O espaço da cibercultura

De acordo com Pierre Levy (1956), precursor do termo cibercultura, esta palavra origina-se da junção dos termos cibernética e cultura, no qual "ciber" seria o diminutivo de cibernética, que consiste na ciência voltada para a tecnologia avançada. Desse modo, a cibercultura relaciona-se à tecnologia, ao virtual, por exemplo, a internet e a cultura. O termo leva em conta todos os aspectos relacionados ao ciberespaço, os quais estão associados às formas de comunicação mediadas por computadores.

O Dicionário de Inglês Oxford lista o uso do termo "cibercultura" em 1963, quando A. M. Hilton escreveu o seguinte: "Nesta nova era, todos os arados puxarão a si mesmos e os frangos fritos voarão direito para nossos pratos". Conforme o autor, esta nova ciência significa a cultura que surgiu, ou surge, a partir do uso da rede de computadores, e de outros meios tecnológicos, por exemplo, o *smartphone, tablete, notebook*, entre outros.

Assim, é possível afirmar que a cibercultura é a cultura contemporânea fortemente marcada pelas tecnologias digitais. Atualmente, ela está na moda, é o que se vive hoje na sociedade, como se pode comprovar nos *Home banking*, cartões inteligentes, voto eletrônico, *pages, palms*, imposto de renda via rede, inscrições via internet.

Para Levy (2009), a cibercultura é produzida no ciberespaço que é um novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores, na qual ela emerge e se transforma. A palavra ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Assim, há um processo de universalização da cibercultura em curso, na medida em que os usuários estão dia-a-dia mais imersos nas novas relações de comunicação e produção de conhecimento que ela nos oferece.

O crescimento do ciberespaço é orientado por três princípios fundamentais: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão, mundial ou local, é um princípio básico do ciberespaço, na medida em que sua dinâmica é dialógica. Dessa forma, as comunidades virtuais "são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca" (LÉVY, 2009, p.127).

No entanto, as proposições de Levy acerca da nova relação que o homem estabelece com o saber, é o que deve ser mais focado em sua obra, já que o usuário está imerso na cibercultura. O ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação. A maioria dos contribuintes de cibercultura são anônimos e amadores que procuram aprimorar constantemente as ferramentas de *software* de comunicação.

O programa da cibercultura é o universal sem totalidade, já que a interconexão deve ser não apenas mundial, mas quer também atingir a compatibilidade ou interoperabilidade generalizada. Universal, pois no limite ideal do programa da cibercultura qualquer um deve poder aceder de qualquer lugar as diversas comunidades virtuais e aos seus produtos. Universal, enfim, já que o programa da inteligência coletiva diz respeito tanto às empresas como às escolas, às regiões geográficas como às associações internacionais.

Para definir a cibercultura, segundo Lévy (2009), é necessário identificar o meio da sua criação, na qual ela emerge e se transforma, o ciberespaço. A cibercultura produzida neste espaço não possui nem centro nem linhas diretrizes. É vazio, sem conteúdo particular, porém aceita todos ao mesmo tempo, porque a cada novo nó da rede, de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações.

Lévy (2009), denomina a universalidade do acontecimento, desprovido de significado central, num sistema da desordem, com transparência labiríntica, mas com falta de totalidade, a essência paradoxal da cibercultura.

Conforme afirma o autor, a cibercultura que emana do ciberespaço, surge a partir da desconexão de operadores sociais (máquinas abstratas), a universalidade e a totalização. Estes dois conceitos surgiram acoplados no momento da invenção da escrita, pois a escrita não determina automaticamente o universal, também a condiciona. Universalidade (Universal), - é a presença (virtual) da humanidade em si mesma. Totalidade – Conjunção estabilizada do sentido de uma pluralidade (discurso, situação, conjunto de acontecimentos, sistema).

> A escrita atual no ciberespaço leva aos momentos antes da invenção da escrita, mas noutra escala e noutra órbita, na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias on-line tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo hipertexto "vivo". Virtualmente, todas as mensagens encontram-se mergulhadas num banho comunicacional fervilhante de vida, "Grande parte das formas culturais derivadas da escrita tem vocação para a universalidade, mas cada uma totaliza sobre um atractor diferente: as religiões universais sobre o sentido, a filosofia sobre a razão, a ciência sobre a exactidão reprodutível, os "media" sobre uma captação num espectáculo siderante, baptizado de "comunicação". Em todos os casos, a totalização ocorre sobre a identidade da significação". (LÉVY, 2009, p. 117)

Todavia, a cibercultura dá uma nova forma a um novo tipo de universal, o universal sem totalidade. O ciberespaço não consegue engendrar uma cultura do universal, porque está em toda a parte, e sim porque a sua forma é indissociável da humanidade, pois permite para quem esteja envolvido ou interessado, que possa emitir a sua opinião, mostrando o direito adquirido e legítimo. (LEMOS, 2008).

Assim, com todos os inseridos no dilúvio da comunicação, não pode haver uma totalização, pois cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, de tal modo que o sentido global se torna menos perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar, ou seja, a cibercultura permite a existência da humanidade em si mesma, ao contrário da totalidade estabilizada.

O tópico central do segundo capítulo abrange tanto a questão dos neologismos como dos mecanismos internos de criação de palavras em português e ainda aborda a neologia por empréstimo, enfocando as criações oriundas da língua inglesa, palavras simples, compostas, expressões complexas e expressões híbridas.

# 2 NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO: NOVAS PAISAGENS LEXICAIS

> *De pura safadeza pedimosque ele nos explicasse a sentença corretamente - I tell you that that that that you see hereis a pronoun – para vê-lo zezaiá-la de modo penoso zétzétzétzét – numa chuva de perdigotos e películas de charuto.*
>
> Nava(1976 *apud*, PANICHI, 2012, p. 18)

O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão dos conceitos referentes aos processos de criação lexical comuns a todas as línguas faladas no mundo. A esse processo geral de formação de palavras atribui-se o nome de neologia e o resultado, a palavra criada, novíssima, é chamado neologismo. Assim, o conteúdo deste capítulo esboça-se em torno das concepções teóricas acerca dos fatos neológicos, tanto aqueles criados por processos circunscritos à própria língua, os chamados mecanismos autóctones, como por outros recursos linguísticos, tais quais os itens emprestados de outras línguas.

Dessa forma, pode-se rever os mecanismos que a língua portuguesa dispõe para formar palavras novas sob o aspecto morfológico, processos de derivação propriamente ditos e ainda, claro, o objeto desta pesquisa, os neologismos oriundos de outras línguas, sejam na sua formação como um todo, seja na parcialidade de seus elementos formadores.

## 2.1 Ambientes propícios à formação de palavras por empréstimo

Difícil traçar um paralelo entre o computador e a internet com qualquer outra ferramenta que já tenha sido criada pela engenhosidade humana. Para Santaella (2013), ambos constituem-se em um sistema semiótico hipercomplexo que funciona devido a tecnologias que externalizam e organizam o pensamento humano para armazenar, comunicar, recuperar e processar informação. Em relação às línguas, o que se pode pensar é que elas se entrecruzam numa mobilidade líquida,[12] que faz com diferentes ideias se intercambiem, requerendo novos conceitos para novas formas de interagir nas redes sociais. Isso pode propiciar ambientes férteis para o surgimento de novas palavras, sejam criações por mecanismos da própria língua (derivação, composição e outros), seja por empréstimos.

Segundo Crystal (2005), o contato é apenas um ciclo natural a que toda língua está sujeita em sua existência, pois nenhuma língua vive de forma isolada, todas mantêm algum tipo de contato com as outras. Isso faz com que se influenciem mutuamente. As de maior alcance, tidas como

12 No sentido mais ou menos como Santaella (2013) o usa alinhada por sua vez, ao conceito Zygmunt Bauman.

principais línguas internacionais, como o espanhol e o francês, exercem mais influência sobre suas línguas de contato. O inglês, obviamente, como língua global, por natureza, exerce mais influências que todas as outras.

Os povos entram em contato uns com os outros, o que favorece inúmeras trocas e interinfluências, sejam elas linguísticas ou culturais. Em um mundo globalizado e de crescente inovação tecnológica, é natural que haja intenso contato entre as diferentes culturas, acentuando também diversos processos de influência mútua, contribuições na forma de empréstimos culturais ou linguísticos. Toda língua, em determinado momento, recebe contribuições, que são os empréstimos de outras línguas.

Com o advento das redes sociais, o contato entre diferentes línguas se transmudou: para Santaella (2013), as linguagens, e aqui é possível, evidentemente, a linguagem verbal, as línguas; são voláteis, efêmeras, têm a duração de um *post*; mas pela fluidez do ambiente podem deslizar umas para as outras, podem se sobrepor, se completarem (sintaticamente) unirem-se morfologicamente e separarem-se para depois se entrecruzarem em expressões mais longas. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhe emprestava. Tornam-se aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem efemeramente. Evidentemente, Santaella (2013) semioticista que é, está se referindo às linguagens de uma maneira geral, mas uma questão emerge aqui: seria esse ambiente fluido que propicia o surgimento quase que instantâneo de novas palavras, muitas delas de origem inglesa, empréstimos amalgamados a expressões vernaculares?

## 2.2 Neologia: Inovações Lexicais

De acordo com Alves (1994), o conceito de neologia abrange todos os fenômenos novos que atingem uma língua. Guilbert (1975, *apud* ALVES, 1994), produziu estudos importantes sobre a neologia lexical, evidenciando possibilidades de criação de novas unidades lexicais, com base em regras de produção incluídas no sistema lexical, o autor considera também neológicas as inovações lexicais recebidas de outros idiomas, os empréstimos.

Considerando a neologia como demonstração da criatividade lexical, Guilbert (1975, apud ALVES, 1994), distingue dois tipos: (i) neologia denominativa: que é resultante da necessidade de nomear novas realidades (objetos, conceitos), anteriormente inexistentes; (ii) neologia estilística: correspondente à procura de uma maior expressividade do discurso, para traduzir ideias não originais de uma maneira nova, ou para exprimir de modo inédito certa visão do mundo. Estes neologismos existem, primeiramente, apenas ao nível do discurso, sendo geralmente formações efêmeras, entrando raramente no sistema da língua, isto é, são unidades que tendem a desaparecer

rapidamente. São muito frequentes no discurso humorístico, jornalístico (sobretudo ao nível dos títulos, pelos caracteres original e apelativo que estes devem apresentar), bem como na crônica política;

Além dos dois tipos de neologia anteriormente enunciados, pode-se levar em conta também as unidades que resultam da língua, que são unidades lexicais do discurso que, por não se distinguirem das restantes unidades lexicais da língua (elas correspondem à atualização da competência derivacional dos falantes), não despertam qualquer sentimento de novidade. São processadas, na comunicação, quer ao nível da produção, quer ao nível da percepção, como sintagmas, levando em conta as suas partes constituintes, bem como a sua posição relativa. O que faz destas unidades neologismos é o fato de elas não se encontrarem registradas nos dicionários representativos da língua em questão, por outro lado, é discutível a pertinência da sua inserção no dicionário.

Os neologismos da língua são os exemplos mais claros de criatividade lexical, entendida como capacidade inerente ao próprio sistema linguístico que permite a construção de palavras por processos interiorizados, aplicados normalmente de modo inconsciente e sistemático. Já os neologismos estilísticos são o exemplo mais claro de criatividade lexical, entendida como a capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente por meio de princípios de abstração e comparação imprevisíveis, mas claramente motivados.

Todos estes tipos de neologia estão presentes na língua, sendo até provável que o número de neologismos denominativos seja bastante menor quando comparado, por exemplo, com os neologismos estilísticos. Na língua corrente, os neologismos são, então, num primeiro momento, unidades do discurso, passando para o sistema da língua apenas aquelas formações que assumem um caráter permanente e estável, isto é, aquelas que resultam de uma necessidade do sistema, sobretudo as de carácter denominativo. A entrada no sistema linguístico, oficializada pelo registro em dicionário de língua, é, ao mesmo tempo, o momento em que a formação deixa de ser um neologismo.

Steinberg (1986) afirma que as origens dos neologismos estão ligadas a momentos históricos, a migrações, a mudanças socioeconômicas, a todo tipo de ocasião que exige nomenclatura para situações ou objetos novos. A atividade humana registra no léxico descobertas científicas, inventos, novas maneiras de entretenimento, mudança de atitudes sociais, criações literárias. Poetas, jornalistas, romancistas, revisores, cientistas contribuem para esse tipo de enriquecimento vocabular. A cunhagem de termos novos se dá em obediência aos padrões de estrutura da língua.

## 2.3 Neologismos por Empréstimos

Embora o estudo dos empréstimos se insira na área de morfologia lexical, formação de palavras, acolhem-se para este estudo bases teóricas da lexicologia por entender que os neologismos, de certa forma, também podem ser estudados do ponto de vista lexicológico. O falante, de forma cada vez mais rápida, modifica a língua, de maneira a exprimir nela suas necessidades culturais, deixando, assim, sua marca, fazendo com que se amplie mais o léxico.

Conforme Bueno (1994, p. 401), o significado da palavra "empréstimo" equivale ao "Ato de emprestar, de tomar emprestado". Como fenômeno linguístico, pode ser entendido como um fator de aquisição e de provisão entre as línguas, que, de certa forma e em algum grau, sofrem influências pelo contato entre os falantes de diferentes classes sociais, regiões ou países.

Para Carvalho (2009, p. 54), "Os empréstimos pressupõem uma interpretação, uma adaptação à estrutura da língua importadora.". Já para Alves e Bezerra (2009), vários fatores contribuem para a introdução de empréstimos em uma língua. Muitos ocorrem pelo contato entre populações de origens diferentes, que convivem em um mesmo território; outros devido ao predomínio cultural na relação entre os povos de diferentes países ou regiões; e ainda outros acontecem em função do poder econômico de uma nação mais desenvolvida, dotada de desenvolvimento científico e tecnológico, devido a isso, acabam levando sua língua junto com a divulgação de seus produtos ou conhecimentos.

Nessa perspectiva, o empréstimo se caracteriza como um aspecto inerente às línguas de que faz parte e está diretamente relacionada às mudanças linguísticas. Segundo Carvalho (2009), as mudanças linguísticas ocorrem devido à própria natureza da língua e os empréstimos são parte dessas mudanças.

Os empréstimos contribuem para que mudanças ocorram, eles advêm então dessa perspectiva de adoção, que está inteiramente ligada às relações humanas. Assim, também estão inseridas ou correlacionadas, as relações entre os sistemas linguísticos. À medida que, a sociedade passa por mudanças de costumes e crenças, mudam também seus valores, suas necessidades e seus objetivos, contribuindo, assim, para a alteração das necessidades comunicativas durante a interlocução.

De acordo com Carvalho (2009), o empréstimo é resultado ou consequência do contato entre as línguas, são marcas extraordinárias encontradas em um conteúdo lexical. Quando o termo emprestado atinge grande popularidade, quase sempre é adaptado para uso na forma normalizada da língua. Sua disseminação é caracterizada, por isso, pela força da comunicação empregada pela população.

Em Grosjean (1982), encontra-se o conceito de empréstimo como o uso de uma palavra de outra língua, que é adaptada à língua base. Grosjean (1982) indica como fator predominante para a adoção de empréstimos a inexistência de itens lexicais, em determinada língua, para a expressão de novos conceitos, objetos e lugares em função da necessidade de ampliação vocabular, dadas as novas experiências socioculturais e a necessidade de comunicação decorrente delas.

Na perspectiva de Alves (2004), a língua inglesa, atualmente, mais do que qualquer outra, tem emprestado itens à língua portuguesa, principalmente nos campos técnico e científico. As modernas tecnologias e as redes sociais vêm aproximando as pessoas de uma forma virtual, mas possibilitando que haja empréstimos entre as línguas de modo a designar também comportamentos que surgiram ou se modificaram em função dessas novas maneiras de interagir pela linguagem.

De acordo com Assis (2007), não é difícil observar a contribuição do inglês para a criação de novas expressões no português brasileiro em várias instâncias e lugares, como por exemplo, nas propagandas escritas e faladas, na televisão, nos nomes e embalagens de produtos, no mercado financeiro, na área de *marketing* e propaganda, na internet, enfim, em inovações da tecnologia. À guisa de exemplo, podem ser mencionados: *joint venture*, *franchising*, *leasing*, *light*, *diet*, entre tantos outros.

A maior parte dos termos tecnológicos presente na língua portuguesa é de origem inglesa (anglicismos), portanto, haja vista o empréstimo do item cultural (ou tecnológico) que antecede (ou, no mundo *on line*, pode-se dizer que ambos os empréstimos, do item e do nome do item, ocorrem concomitantemente) o empréstimo do nome do item. Esses termos "entram" na língua, integrado de alguma forma o vocabulário de algum estrato linguístico dela, sendo que o falante o modifica, exprimindo aspectos fonéticos ou morfológicos da língua portuguesa.

Importante ressaltar que todas essas variedades que ocorrem na língua forma um paralelo com as transformações humanas, com mudanças no comportamento social das pessoas, ou melhor, correspondem às necessidades de grupos específicos ou não de falantes durante a manifestação criativa, cuja população possui um mesmo sentimento de inovação, criação ou adoção.

Para Carvalho (2009), toda língua se dinamiza por mudanças, que são manifestações da criatividade específica da linguagem humana. As mudanças sociais exigem novas formas de designá-las, assim as necessidades expressivas se renovam porque o falante não pensa e age sempre da mesma maneira ao longo de sua vida. Também a língua, dado seu caráter dinâmico, não é um produto acabado e pronto, ela varia e se refaz continuamente. Na maioria das situações de interação entre povos de culturas diferentes, pode-se perceber forte demanda de termos de origem inglesa sobre as demais línguas do mundo. O inglês alcançou *status* jamais visto em nenhuma outra língua.

Os empréstimos de outras línguas sofrem adaptações, que podem ser substituições de fonemas, alterações ortográficas, desvios etimológicos, retenção de significados antigos ou alteração de significados. Ainda de acordo com a autora, a estrutura do neologismo obedece às normas de formação de palavras da língua em que é cunhada, no que diz respeito à ordem de seus elementos componenciais. Isso permite classificar os neologismos em vários tipos. Em língua inglesa, segundo Steinberg (2003), eles são formados a partir dos seguintes processos linguísticos:

Quadro 1- Processos de formação dos neologismos

| **Tipo de neologismo** | **Explicação** | **Exemplos** |
|---|---|---|
| (i) Empréstimo e Empréstimo duplo | Este tipo de empréstimo é o que entra para o léxico através de uma fonte intermediária. | (1) *Bayou*, que foi tomado do francês, que havia sido tomado de uma língua indígena= braço de rio;<br>(2) *Chocolate,* do espanhol chocolate, tomado da língua indígena;<br>(3) *Xocoatl Chile ou Chile*, do espanhol *chile,* que tomou de língua indígena *chilli* = pimentão ardido |
| (ii) Neologismo por mudança de categoria gramatical | Está relacionado à elasticidade que permite uma palavra mudar de uma categoria gramatical para a outra. O processo mais comum é a passagem de um substantivo para verbo (ex.4). Há também verbos que assumem a função de substantivo (ex. 5) e verbos que assumem a função de adjetivos (ex.6). Por último existem adjetivos que podem originar verbos. | (4) *Lynch law*, alei de Lynch<br>(5) *To drive*, dirigir, conduzir um veículo, que passou a ser também um substantivo *drive,* significando impulso.<br>(6) *To hurry* em *huurry call*= chamado de urgência<br>*(7) To prep* que vem da forma reduzida prep., de *preparatory school.* |
| (iii) Neologismos Compostos | Palavras compostas são uma tradição da língua inglesa que remonta às suas origens. É preciso distinguir entre palavra composta e palavra modificada por adjetivo, e para tanto não existem regras de ortografia. Às vezes, as palavras compostas se escrevem com os seus elementos justapostos. Outras vezes, separadamente, ou ainda | (8) B*lackboard*= quadro-negro, não necessariamente preto, recebe acento tônico na primeira sílaba;<br>(9) B*lack board*= tábua ou prancha de cor preta, recebe o acento tônico no segundo elemento; |

| | | |
|---|---|---|
| | unidos por hífen. A regra para determinar se duas ou mais palavras juntas se configuram numa palavra composta é prosódica. Palavras compostas recebem o acento tônico no primeiro elemento da composição, e palavras adjetivadas recebem o acento tônico no substantivo, ou segundo elemento. | (10) D*arkroom* ou *dark-room* têm o acento tônico no primeiro elemento, significam câmera escura para fins de revelação de filmes fotográficos;<br>(11) D*ark room,* com acento tônico no segundo elemento, é quarto escuro. |
| (iv) Neologismo por Afixação | Prefixos e sufixos são amplamente empregados na variante norte-americana para a cunhagerm de neologismos. Alguns dos sufixos são de empréstimos (exemplos indicados ao lado). | (12) *ette*- do francês, surgiu de palavras como cigarette, etiquete. Em inglês denota o gênero feminino e também produtos de imitação;<br>*leatherette= imitação de couro;*<br>(13)-*ite*- forma substantivos indicando seguidores ou membros de determinado grupo: *socialite* da alta sociedade.<br>(14)-*ee*-também de origem francesa, tem sido bastante produtivo: *escapee prisioneiro que fugiu da prisão*<br>(15)-*ize*- cria novos verbos:<br>*accessorize :* assessorar<br>(16)-*eria ou teria*- é um sufixo tomado do espanhol<br>*beauteria:* salão de beleza<br>(17)-*orium*- tomado diretamente do latim:<br>*barberatorium:* barbearia<br>(18)*ist e iciam*- para dar uma aura de importância a coisas mais simples:<br>*beautician:* maquilador<br>(19)-*ster*- com uma conotação pejorativa, na maioria das vezes:<br>*spinster*: solteirona<br>(20)-*eer*- também pejorativo:<br>*Rackteer*: contrabandista, chantagista |

| | | |
|---|---|---|
| | | (21)-*holic*- bastante usado atualmente, inspirado em alcoholic. S*hopaholic*: viciado em comprar, consumista<br>(22) -ery- como em: *Bakery:* padaria<br>(23)-*fest*- tomado do alemão: *applefest*: festa da maçã. |
| (v) Neologismo por Redução | A redução é um encurtamento ou corte da palavra. Não confundir com abreviação. Abreviação é o processo pelo qual uma palavra ou expressão tem sua forma, ortográfica somente reduzida. A leitura dessa abreviação se realiza de forma plena (ex.24). Outras vezes a leitura se consagra através das iniciais que constituem a abreviação (ex.25). Se as iniciais de um sintagma abreviado se prestam a uma leitura fácil, por estarem dentro dos padrões fonotáticos da língua, temos um acrônimo (ex.26). Quando tal leitura não se dá, as iniciais são proferidas separadamente, produzindo às vezes uma outra grafia, um neologismo grafológico. | (24) Em inglês, a abreviação Dr. É lida *doctor*, Mr. É lida<br>(25) Em a.m. (ante meridiem), que se le [ eyem] *mister.*<br>(26) UNESCO/ yunesko/ (*United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*).<br>(27)G.P. ( general purpose, ou government property, segundo alguns), que à custa de serem lidos como iniciais /jj pi/ vieram a produzir jeep (jipe). |
| (vi) Neologismo por Reduplicação | Palavras compostas são resultados de um dos mais produtivos modelos de formação de neologismo. Foi muito enriquecedor para o inglês norte-americano. Dentre os vários tipos de composição, um que difere de todos os outros é o processo da reduplicação. Não é formado de parte de palavras diferentes, mas sim da repetição de uma palavra ou parte dela, algumas vezes com alterações vocálicas ou consonantais, ou ainda adições. Na maioria das vezes é onomatopaico, com algumas ocorrências de eufemismos e linguagem infantil. As reduplicações podem ser dos seguintes tipos: sem alteração (ex.28), com alternância vocálica | (28) *buddy-budd;*<br>(29) *chit-chat;*<br>(30) *chiller diller;*<br>(31) *clickety-click;*<br>(32) *airy fairy*;<br>(33) diggety-dam;<br>(34) *alas and alack;*<br>(35) *bob-a-job;*<br>(36) *la-di-da.* |

| | | |
|---|---|---|
| | (ex.29), com alternância consonantal (ex.30), com adição de sufixo no primeiro componente (ex.31), com adição de fonema no segundo componente (ex.32), com rima: este tipo repete apenas um componente (ex.33), com uma estrutura de coordenação (ex.34), com vogal a de ligação (ex.35) e por fim de três componentes (ex.36). | |
| (vii) Decorrentes de redução | Este tipo de neologismo obedece à fonotática da língua e também com versões diferentes nas duas variantes, ou com significados diferentes para as mesmas reduplicações (ex.37). | (37)*foo-foo= foofaraw=fricotes* |
| (vii-i) Os *blends* | Os Neologismos por Composição de Partes de Palavras (blends) são tipos de Neologismo que produzem palavras que se formam de outras já existentes e que podem ser: uma ou duas sílabas da palavra inicial+ palavra completa; palavra completa+parte de outra palavra; Parte inicial de palavra+parte inicial de palavra; Acrônimos= só as iniciais de palavras. Os blends têm sido impropriamente chamados de palavras cabide (*portmanteau)* ou ainda palavras/valise. Cabe esclarecer que num *blend* as partes que o constituem ocorrem em sequência. Uma palavra *portmanteau* nasce de duas outras que se unem num só morfema, isto é, suas ocorrências são simultâneas. | |
| (vii- ii) Neologismo por Acrônimos | Correspondem a formações de sílabas ou letras iniciais de palavras que incluem nomes de associações de todo tipo (políticas, esportivas, acadêmicas, comerciais) de drogas, firmas e atualmente inúmeros acrônimos da internet. | (38)AAA= triple A= American Automobile Association<br>(39)ACE= adrenalcorticosterone acetate<br>(40)AFK=away from keyboard<br>(41)AKA= also know as |

| | | |
|---|---|---|
| | | (42)CD= compact disk<br>(43)DNA=deoxyribonucleic acid<br>(44)FBI=Federal Bureau of Investigation<br>(45)UNESCO= United Nations Educational scientific and Cultural Organization |
| (vii- iii) Neologismo por Derivação Regressiva | É o processo pelo qual se forma um substantivo a partir de um verbo, ou adjetivo, por analogia a um padrão já existente na língua. É realmente um tipo de redução, pois a palavra nova é formada com a supressão de um sufixo. | (46) *baby-sister- to baby-sit*= tomar conta de criança<br>(47) *burgle- to burgle*= invadir residência para roubar<br>(48) *housekeeper- to housekeep*= tomar conta de casa, ser caseiro<br>(49) *housecleaning- to houseclean*= limpar casa |
| (viii) Neologismo por Glorificação do Lugar-Comum | Correspondem ao fruto da imaginação e do desejo de envolver numa aura de sofisticação aquilo que é mais ou menos elegante, ou menos bonito, o neologismo que leva esse nome denomina a imitação com a palavra usada para designar o original sofisticado. Assim é que proliferam nos Estados Unidos cinemas ou teatros do interior do país com o nome de *Opera House Saloon,* que era o equivalente norte-americano a um pub inglês assim denominado na tentativa de parecer tão sofisticado e elegante quanto o *salon* francês. O termo sofreu então o processo pejorativo, pois um *salon* norte-americano é o que poderíamos chamar de bar ou boteco nada elegante. | (50) Uso de títulos acadêmicos, que se obtem em defesas de tese, após curso de pós-graduação, como *doctor e professor*, usado indevidamente por veterinários, médicos dentintas, quiropodistas, advogados;<br>(51) Outro exemplo bastante evidente de glorificação do lugar-comum são mortician, em lugar *de undertaker* ( agente funerário);*engineer* em lugar de engine driver9 (máquina de trem) |
| (ix) Neologismos por Eufemismo | Eufemismo é a substituição de uma palavra ou expressão por outra considerada mais delicada, mais elegante ou menos ofensiva, amenizadora do sentido. Os eufemismos norte-americanos mereciam um livro à parte, tal a riqueza desse tipo de neologismo. | (52)*Assault-rape*= estupro;<br>(53) *Au naturel- naked*= nu;<br>(54) *circular file*= cesto de lixo para papéis;<br>(55) *deuse-devil*= diabo;<br>(56)*gay-homsexual*= homossexual,gay;<br>(57)*pooped-drunk*= bêbado. |

| | | |
|---|---|---|
| | A sociedade puritana e o lugar ocupado pela mulher nessa sociedade foram responsáveis em grande parte pela criação de um grande número de eufemismos, especialmente os relacionados com sexo e morte, bem como de termos profanos. | |
| (x) Neologismos Pejorativos | Os pejorativos na verdade são alterações semânticas de termos já existentes que, empregados para designar pessoas, referem-se a um aspecto negativo delas. | (58) *boche*- soldado alemão, alemão;<br>(59) *buttenuts*- soldados confederados;<br>(60) *copperhead*- pessoa hostil; nortista simpatizante da causa sulina;<br>(61) *dinky, dinkey*- insignificante;<br>(62) *jap*- japonês;<br>(63) *redcoats*- soldados ingleses; |

*Fonte*: Baseado em Steinberg (2003).

De forma geral, a palavra mantém o sentido da língua de origem. As palavras tomadas como empréstimo são igualmente denominadas 'empréstimos'. Há que distinguir entre o empréstimo e o neologismo que é uma palavra criada numa língua, com base em palavras de outras línguas.

## 2.4 Outros Tipos de Empréstimos

Pode-se traçar para fins de categorização, os tipos de empréstimos baseados na forma como se apresentam nas expressões ou sentenças. Segundo Grosjean (1982) é necessário fazer a distinção entre empréstimos: "necessários" e "desnecessários". Os necessários são os que preenchem lacunas lexicais em determinada língua; não há na língua as palavras que correspondam exatamente ao significado ou conceito pretendido pelo falante. Os desnecessários, por sua vez, se dão de forma fortuita e gratuita, ou melhor, a língua que adota o empréstimo tem um item lexical de valor equivalente, mas prefere empregar a palavra estrangeira por razões diversas que não constituem o escopo deste estudo. Este tipo de classificação incorre em um problema de juízo de valor que configura especificamente os interesses aqui colimados que são, na verdade, a descrição dos empréstimos de acordo com critérios estritamente linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e discurso.

Consideradas as características linguísticas, os empréstimos apresentam alguns elementos (morfológicos, lexicais, semânticos, pragmáticos) que facilitam sua categorização em quatro tipos.

i. De acordo com Carvalho (2009) são: i) empréstimos por criação; ii) os *loanblends*; iii) empréstimos com adaptação fonética/fonológicas e iv) empréstimos diretos. Cada um desses quatros tipos apresenta diferentes graus de complexidade estrutural. Empréstimos por criação. Nesse tipo de empréstimo utilizam-se os mecanismos linguísticos próprios da língua receptora. Em Portugal, não houve a importação do termo, apenas do produto cultural. Assim "mouse" é "rato", "notebook", "tablet" e PC (personal computer) são respectivamente, "computador portátil", "computador tátil e/ou hibrido" e "computador de secretária", "wireless" é rede sem fio. Pode-se perceber também nos exemplos a seguir, "AIDS" é "SIDA" já que a ordem sintática do português (SVO) é outra: Síndrome da Imune Deficiência Adquirida e "DNA" "desoxyribonucleic acid" é "ADN", "ácido desoxirribonucléico". O que ocorre é que, importa-se o produto cultural/tecnológico, mas não o termo estrangeiro referente a esse produto.

ii. Os *loanblends* para Grosjean (1982) são termos formados pela junção de morfemas das duas línguas, como exemplo têm-se: housedência, overllappping fonológico, enquadram-se também: futebolista (*football*, inglês + ista, português); skanear (*skaner*, inglês + ar, português); stalkear (*stalk*, inglês + ar, português) goglar (*google*, inglês + ar, português) bugar (*bug*, inglês + ar, português) twittar (twitter, inglês + ar, português), logar (*log*, inglês + ar, português), linkar (*link*, inglês + ar, português), dentre outros.

iii. Empréstimos por adaptação fonético/fonológica, como em bife (*beef*), recorde (*record*), futebol (*footboll*), luki (*look*), drinque (*drink*), treiler (*trailer*), entre outros.

iv. Empréstimos diretos. Esses contemplam as especificidades das áreas do conhecimento humano.

Bloomfield (1961 *apud* Carvalho, 2009) classifica os empréstimos considerando a sua origem em íntimos, culturais e dialetais, os três correspondem ao tipo de adoção lexical. Empréstimo íntimo ocorre mediante a convivência de duas línguas no mesmo território; empréstimo cultural ou externo é o tipo mais frequente, pode ser definido por contatos políticos, sociais, comerciais e militares entre os povos, sempre combinado pela dominação de algum deles, é o empréstimo por influências culturais; empréstimo dialetal é o que acontece entre falares da mesma língua, por meio de variantes regionais, sociais e jargões especializados. Carvalho (2009) entende que esses modos são, na maioria das vezes, de natureza lexical e responsáveis pela renovação vocabular.

Pode-se ainda mencionar o empréstimo não-lexical, cuja ocorrência é mais incomum. A adoção de fonemas, por exemplo, quase não acontece, visto que os falantes, quase sempre, alteram

o termo lexical emprestado de acordo com a fonética da língua em que o mesmo está sendo inserido, as raras ocorrências podem ser vistas no caso de bilinguismo. Carvalho (2009) afirma ser mais comum a inserção de elementos mórficos, mas que raramente aparecem em sufixos e vocábulos.

Podem ocorrer, em alguns casos, empréstimos semânticos que são construídos através de palavras da língua que sofrem influência. Sendo assim, ocorre a adesão de uma nova conotação para determinado lexema, um exemplo é o caso da palavra "salvar" usada para indicar o ato de "gravar" um arquivo no computador; outro é a conotação empregada ao lexema "computador," que denomina o instrumento tecnológico, resultando em importação semântica, conforme Carvalho (2009, p. 64) "Computador, termo que designava o agente humano que fazia contas, o contabilista, passou, por influência do inglês, a designar o agente eletrônico, a máquina.".

Questões fonéticas ou estruturais também podem resultar em empréstimos semânticos; isso quando o falante relaciona uma palavra estrangeira com uma vernácula.

Para Carvalho (2009), os empréstimos ainda podem ser classificados como denotativos ou conotativos. Os primeiros abarcam os itens de função referencial, que incorporam um objeto ou conceito novo por intermédio de domínio cultural e podem ser associados aos termos que acompanham o objeto ou conhecimentos importados. Os conotativos, embora também sejam decorrentes de interferência cultural, são de caráter estilístico, com função expressiva, caracterizados por deferência à cultura do outro. Os denotativos referem-se aos que Grosjean (1982) denomina de "necessários" e os conotativos aos "desnecessários", já relacionados acima.

É possível ainda descrever os empréstimos como neologismos sob dois pontos de vista: neologismos semânticos, vocabulares ou locucionais, conceito mais apropriado para designar inúmeros empréstimos oriundos das redes sociais.

Vale ainda ressaltar que o fenômeno linguístico empréstimo é muito comum e bastante antigo, desde que haja contato entre as línguas, é possível tomar emprestado nomes, termos, conceitos de umas línguas para as outras. Neste momento em que o mundo está *on line*, é até óbvio que ocorram empréstimos, mas é preciso reafirmar também que isso não corrompe a língua que recebe os empréstimos, pelo contrário, esse é um mecanismo produtivo de ampliação lexical e um "facilitador" das interações, principalmente daquelas em que o momento da interação é rápido e efêmero.

Este estudo direciona-se no sentido de identificar que filtro da língua nativa do falante está atuando sobre a contextualização e ressignificação de lexemas emprestados para formar uma locução fonológica e morfologicamente portuguesa, ordem dos constituintes da locução própria da ordem sintática do português (SVO, com modificador posposto ao núcleo nominal do sintagma).

## 2.5 Processos de Formação de Palavras: velhos mecanismos, novas paisagens

O objetivo deste item é explicitar alguns processos de formação de palavras decorrentes do léxico que, emerge no ambiente digital e que de alguma maneira, afeta a composição do empréstimo quando este se incorpora ao texto em português. Esta breve revisão ancora-se em Basílio (2000), Alves (2004) e Siqueira (2015).

No entanto, vale mais uma vez salientar, em consonância com Abreu (2010), que a linguagem digital, seja autodescrição, linguagem dos perfis, dos depoimentos, dos *scraps,* em algum título ou ainda na caracterização das comunidades virtuais criadas, demonstra, de certa forma, que o léxico é constituído de unidades criadas advindas de alguma necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e, devido a isso, essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações e características, diretamente relacionadas a experiências humanas, mediante as quais utilizam o léxico nas redes sociais, o que contribui para expandir o acervo lexical. Os processos[13] de formação de palavras mais produtivos em português brasileiro são: derivação e composição.

Entre os mais produtivos processos derivacionais, têm-se a prefixação e a sufixação. Dois prefixos bastante usados são super e anti, por exemplo; são largamente utilizados; o "super", inclusive, juntando-se a bases verbais: 'super adorei sua ideia'; em relação a 'anti', tem-se antissequestro, antilulismo entre outros.

Os processos sufixais são também bastante comuns nas redes sociais, muitos utilizam o sufixo – eiro(a), como nos exemplos facebookeiro, orkuteira; há também o sufixo –ês, produtivo para a criação de substantivos, adjetivos e o aparecimento de verbos geralmente da primeira conjugação: orkutês, facebookês e os verbos orkutar (orkutei, orkutado), facebookar e ainda, bugado, stalkeando. Os processos de formação de palavras por composição são também muito comuns e tendem a mesclar bases lexicais de ambas as línguas (portuguesa e inglesa, cf. figura 1).

Se são formados com raízes de mesma língua, podem ser justapostos, *timeline*[14], *spoiler alert*; ou aglutinados, como em cosplay[15], quando perdem algum elemento fonético. E os híbridos

---

13 Essa breve revisão dos processos de formação de palavras não enfoca especificamente dados novos nem exclusivamente, empréstimos.

14 "Estamos passando na sua *timeline* pra lembrar que teremos [...]".

15 Equivale à abreviação de costume play ou apenas a costume que pode interpretado como 'representação de personagem a caráter', "disfarce" e tem sido utilizado no original, como empréstimo linguístico, não convalidado no léxico português, ainda que conste em outras bases.

quando há a concorrência de duas ou mais línguas diferentes na formação do composto: orkutemaníacas, iphome (aj + ‘fomə).

Há, ainda, os processos giriáticos, que podem ser definidos como fenômenos de linguagem especial que consistem no uso de uma palavra ou expressão de maneira não convencional para designar outras palavras formais da língua. Pode ter seu emprego restrito a alguma esfera das atividades sociais, com o intuito de preservar certa intimidade do grupo ou comunidade em questão ou até mesmo no intuito de manter segredo, humor ou distinguir o grupo que o cria, e passa a adotar tais gírias e se diferenciar dos demais, às vezes criando um jargão bastante peculiar. À semelhança de uma expressão idiomática, é uma palavra que se caracteriza por não permitir a identificação do seu significado por meio do seu sentido literal.

Por esse motivo, também nem sempre é possível traduzi-la literalmente para outra língua. Normalmente, as gírias se originam de acordo com a cultura e com as peculiaridades de cada região. Vale ressaltar que, para alguns teóricos, a gíria é uma linguagem de uso passageiro; ao entrar em desuso, o texto pode se tornar incompreensível. Nas redes sociais, proliferam gírias emprestadas da língua inglesas, mas que ganham roupagem semântica ajustada à cultura do contexto brasileiro em que surgem. Os exemplos[16] abaixo são representativos desse fato linguístico novidadeiro.

(i) Bite me! **‘**Vá se danar, cai fora’

You’re such an idiot! Bite me! ‘Você é um idiota! Vá se danar!’

(ii) Grub – Comida, rang

Please, let’s go grab some grub! ‘Por favor, vamos bater um rango!

(iii) Keep it real **‘**Jogar a real’

If you want us to be friends, you have to keep it real. ‘Se você quer que sejamos amigos, tem de jogar a real.’

Siqueira (2015) menciona também a formação de palavras por “conversão”, o que alguns teóricos chamam de “derivação imprópria”, mecanismo em que um nome muda sua classe ou função gramatical. Isso ocorre frequentemente, quando um nome comum [17] assume funções toponímicas para designar um lugar, tornando-se um nome próprio. Converte-se de nome comum a nome próprio. A internet é pródiga em criar lugares virtuais, que obviamente exigem um batismo.

---

16 Disponível em: http://cursodeingles.uol.com.br/artigos/girias-e-expressoes/girias-que-vao-ampliar-seu-vocabulario-em-ingles/#rmcl

17 Exemplo: água + linda, Águas Lindas (topônimo). Além é claro dos acessadíssimos sites de humor que migraram do rádio e da TV para as Redes Sociais (Facebook, blogs, perfis fakes etc) e tem seus nomes, normalmente criados por esse tipo de mecanismo, a saber: Porta dos Fundos, Como Eu me Sinto, Suricate Seboso, jacaré Banguela para citar apenas alguns.

Evidentemente, há outros mecanismos com os quais é possível criar novas palavras em português; no entanto essa pequena revisão cumpre sua função de direcionar o olhar na busca de expressões que contenham em sua formação morfemas da língua portuguesa amalgamados ou não às bases lexicais portuguesas, fazendo surgir neologismos de diversos tipos que servem e cumprem sua função no contexto em que são carreados, já que há muito deixou-se de acreditar que o uso de palavras estrangeiras afetaria o léxico da língua nativa a ponto de alterá-la significativamente; esse equívoco, já está superado: os empréstimos não trazem nenhum prejuízo ao idioma, o léxico mantém sem prejuízo desse *tsunami* de palavras que surgem a todo instante; muitas não chegam a registrar mais de uma dezena de ocorrência, portanto, imergem no mar da virtualidades com a mesma rapidez com que vieram a tona.

Por outro lado, necessário se faz refletir que, pensar na remota possibilidade (dado o avanço tecnológico) de se ignorar os neologismos por empréstimos seria também acreditar que as línguas poderiam sobreviver no vácuo, sem contato.

O terceiro capítulo traz uma síntese da combinação dos métodos e procedimentos empregados para a busca de dados bem como para posterior seleção e organização do *corpus* de pesquisa.

# 3 A METODOLOGIA DA PESQUISA

> *A internet coloca o mundo social, em todo seu desarranjo e complexidade, na soleira da sua porta. Os métodos empíricos e as teorias simplistas da metade do século XX parecem inadequados para desatar esse nó górdio. [...] isso não implica abandonar a perspectiva empírica, mas reinventar nossos processos e técnicas.*
>
> Alexandre Halavais[18] (2010).

Este capítulo apresenta os procedimentos de pesquisa, em que consistem, e faz uma breve síntese da combinação dos métodos usados para recolha dos dados e posterior constituição do *corpus*.

Embora não apresente volume simétrico em relação aos dois primeiros capítulos, optou-se por apresentar a metodologia em separado porque a combinação de procedimentos ainda exige bastante cautela do pesquisador que se lança pelos caminhos virtuais da internet em busca de dados que (muitos deles) ainda estão por surgir. São expressões novíssimas num suporte também ainda muito novo do ponto vista de Fragoso; Recuero; Amaral (2012), que salientam a necessidade de se explicitar em que âmbito se situa o interesse do pesquisador, já que a internet pode ser tanto objeto de pesquisa como local de pesquisa e, ainda, instrumento de pesquisa (cf. item 3.1).

Por outro lado, segundo Santaella (2013), o fato da revolução digital se encontrar em plena fase da era da mobilidade, as chamadas "tecnologias nômades", que operam em espaços físicos não contíguos, que por sua vez, estão gestando novas subjetividades, tornam a pesquisa, a recolha de dados, principalmente, no ambiente virtual, cada vez mais fluida, mais instável, daí a necessidade de se combinar métodos e detalhar como foram coletados os dados e como é feito o *corpus* de exclusão lexicográfica e que obras foram adotadas, isto foi, os dicionários *on line* que constam no item 3.3.

## 3.1 A internet como cultura e como artefato cultural

É preciso, antes de mais nada, ressaltar que a ferramenta "internet" em si não produz a pesquisa, não produz os dados. Na verdade, os dados estão lá, naquela atmosfera líquida, fluida, mas sem a observação atenta do pesquisador que vasculha o lugar à procura de novas palavras, sem a disciplina do pesquisador, esses dados não constituem dados. Em outras palavras, há de se pensar

---

18 No prefácio de Fragoso; Recuero; Amaral, (2012, p.16)

um método que funcione e que possa ser aplicado a esses novos contextos de linguagem que se configuram, o que forçosamente requer novas maneiras de olhar para as comunidades de fala[19], que são mais fluidas, com mais imagens e menos fala.

Dessa forma, cabe uma observação de acordo com Fragoso; Recuero; Amaral (2012, p. 17), "de que a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)". Assim, este estudo situa-se nesta última faceta, isto é, utiliza a internet como ferramenta para coletar dados, neologismos e constituir *corpus* de pesquisa.

Seguindo a proposta revista no primeiro capítulo[20], a metodologia consiste de procedimentos que entreveem a possibilidade de realizar estudos no suporte digital *on line*, apoiado numa abordagem qualitativa segundo Hine (2000, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 41), a internet como cultura e como artefato cultural:

> os modelos de cultura e de artefato cultural são utilizados para fornecerem uma estrutura para pensar sobre aspectos do ciberespaço que podem se observados como campos para um etnógrafo. Cada olhar sobre a internet sugere diferentes abordagens metodológicas e um conjunto distinto de problemas e vantagens.

Em relação à internet como cultura, para Fragoso; Recuero; Amaral (2012, p. 41), ela é entendida como aquele espaço distinto do *off line*, em que o estudo enfatiza o contexto cultural dos fatos que ocorrem nas comunidades virtuais. Segundo as autoras, essa concepção leva em "consideração funções e formações sociais, além de tipos de organizações, tais como conflitos, cooperações e fortalecimentos das comunidades virtuais como um entre os diferentes tipos de narrativas possibilitadas pelas redes digitais". E acrescentam que a internet fornece um vasto campo de possibilidades para o estudo do que as pessoas fazem quando estão *on line.*

Os primeiros estudos sobre este assunto buscavam um tópico, uma atividade em que grupos se reuniam blogs, sites e mesmo redes sociais, a fim de aprofundar as discussões. Esses grupos eram assim definidos por seus relacionamentos; os participantes elaboravam seus conceitos por meio de links e da atenção aos assuntos abordados. Isso impossibilitou, em parte, que se pensasse a internet como cultura ou comportamentos fechados em si mesmos, mas em conexões.

---

19 Pensando ainda que se pode chamar de comunidade de fala blogs, Facebook e outros tantos. Evidentemente, terão novas configurações.

20 Relação língua e cultura.

Por outro lado, Hine (2000, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 42 sugere que é preciso tratar não da cultura da internet, mas das "culturas da internet", o que remete à abordagem de internet como artefato cultural. Para Fragoso; Recuero; Amaral (2012, p. 42),

> A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não com uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos *on line* e *off line*. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas multifacetado e passível de apropriações.

O que leva a inferências de referentemente à linguagem, as multifacetas criam um cenário propício tanto à criação quanto ao acolhimento de novas acepções, seja para comportamentos também novos seja para comportamentos recém-originados dos próprios contatos líquidos que se promovem nas mídias sociais.

Segundo Fragoso; Recuero; Amaral (2012), a noção de internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um lugar (virtual, mas lugar) onde as fronteiras entre *on line* o *off line* são em geral, fluidas e ambos interatuam. O que possibilita um amplo recorte de análise. Para as autoras, nessa abordagem, o papel da audiência pode ser enfatizado e problematizado como forma de entrelaçamento teórico-metodológico, todavia, esse aspecto não é relevante para este estudo, assim procura-se dar um direcionamento mais etnográfico aos procedimentos de pesquisa explicados a seguir.

### 3.2 Etnografia virtual e Netnografia

Pode-se dizer que trata-se de combinar o método etnográfico ao entendimento da internet como artefato cultural. Evidentemente que não é possível desenvolver na totalidade o método, mas apenas utilizar aquilo que pode ser combinado com as características mencionadas acima, como pode ser feita a coleta de dados considerando uma etnografia virtual.

Basicamente, este estudo tem inspiração etnográfica, pois utiliza apenas alguns procedimentos etnográficos que podem sim ser reconhecidos como tais, já que se inserem na busca de palavras novas em contextos de narrativas cotidianas, biografias, comentários sobre fatos do dia a dia de jovens usuários das redes sociais em cujas culturas se acham imersos.

Nesse sentido, é possível reconhecer certo cunho etnográfico, já que, conforme Hine (2000, p. 13), já na introdução de seu texto, uma etnografia virtual "é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem que floresce na reflexividade sobre o método".

Inclusive, em 1990, segundo Fragoso; Recuero; Amaral (2012, p. 174), foi criado o termo "netnografia[21]", como uma proposta de investigação na internet que se enriquece do enfoque de inovação e promove métodos ativos e participativos "dentro do espectro do qualitativo", o conceito e suas especificidades são explicitadas mais abaixo.

Assim, passam a conviver duas vertentes, cuja cultura se constitui como pano de fundo na internet, isto é, a etnografia virtual e a netnografia, ambas abarcando estudos em espaços virtuais de socialização com desafios incertos acerca do método mais apropriado para o objeto de pesquisa em questão, que possa propiciar o levantamento e a análise de dados coerente e relevante, tanto do ponto de vista epistemológico como do ponto de vista das dinâmicas sociais e culturais peculiares do ecossistema virtual que se vislumbra descrever.

Para Santos e Gomes (2013), quando o objeto de estudo é a cultura, o método mais adequado é a etnografia (ou pelo menos, alguns elementos desse método), o que leva a considerar que as categorias de análise emergem *a posteriori*, no momento da interação, ou da observação do pesquisador no campo de pesquisa e da análise dos dados, a qual deve se pautar na interpretação de significados e assumir-se como descritiva e interpretativa, dado o caráter qualitativo da abordagem.

Por outro lado, é necessário dizer que as abordagens etnográficas não constituem novidade na pesquisa na internet, considerando o ciberespaço como um espaço cultural; no entanto, mesmo a descrição profunda e minuciosa pode resultar incompleta face à complexidade do suporte midiático com que se trabalha.

Assim, este estudo considera a internet como artefato cultural e procura combinar elementos da etnografia virtual, considerando-a como um processo que se desenvolve mediante a ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, devido a isso, não tem uma estrutura rígida, porque depende do que vem da observação do contexto da pesquisa. Dessa forma, parte de uma visão mais fluida de cultura, na qual esta, ou estas, se movimentam entre as estruturas e as práticas sociais nos espaços ali colimados.

Há de se ressaltar também que as conexões são viabilizadas pelas inúmeras formas de presença que cada pessoa usando um computador pode ter e manter, ou seja, presença sincrônica, os *chats*, por exemplo, ou assincrônicas, participações em páginas por meio de listas de discussão, e ainda por presença diacrônica mediante publicações de páginas na WWW. Cabe salientar que a pesquisa se restringe a buscar dados em espaços assincrônicos ou mesmo páginas da WWW, não há recolha de dados em espaços cujas conexões sejam sincrônicas.

Assume-se, portanto que, seja como for, o pesquisador deve se aproximar de seu objeto de

---

21 À época, também um neologismo.

estudo de maneira o mais imparcial possível, mas, obviamente, uma teoria guiará seu olhar, fazendo com que escolha uma ou outra direção ou posicionamento frente aos dados ou à maneira de selecioná-los. E essas escolhas tanto podem revelar sua visão de mundo como podem, até certo ponto esconder determinada realidade.

Fazer ciência, em princípio, é fazer escolhas, que não são aleatórias e, sim, organicamente ligadas à visão que temos do mundo. Esta visão de mundo, além de direcionar a escolha do objeto de estudo, aponta os caminhos e influencia a construção de teorias.

Todavia, seja de que maneira for que o pesquisador se aproxima de seu objeto de pesquisa, há sempre uma teoria que lhe guia o olhar. Consciente ou inconscientemente, ele faz escolhas e, nestas escolhas, tanto altera a realidade, quanto a esconde ou a mostra de uma determinada forma.

Segundo Santos e Gomes (2013), fazer ciência, em princípio, é fazer escolhas. Escolhas que não são aleatórias são, organicamente, ligadas à visão de mundo do pesquisador. O que, além de direcionar a escolha do objeto de estudo, também direciona os caminhos e influencia a construção do arcabouço teórico-metodológico.

Em contrapartida, dada a característica efêmera do objeto deste estudo, os neologismos nas redes sociais, e a fluidez das linguagens no espaço virtual, a visão de mundo também vem se tornando líquida, flexível, menos fixa, como também não é fixa a realidade. São construídas, conforme, Santos; Gomes (2013), pelos sujeitos susceptíveis de serem transformados por suas práticas sociais, num movimento de construção e reconstrução.

Este pequeno excurso vale para dizer que também esta breve revisão dos métodos pode ainda ser revista se, no decorrer do estudo, outros fatos se fizerem mais prementes e necessários face aos dados que vão emergindo, já que há inúmeras expressões que ocorrem uma única vez, não aparecem de novo, mas são bastante significativas do ponto de vista de sua formação morfológica, sintática, ou mesmo híbrida, como por exemplo: *Otp: one true pairing* quase o mesmo que *Shippar*, porém mais intenso, ou o mais frequente *fact checking* que veio emprestado em função do também neológico *fake News*. Estes, como tantos outros, aparecem mesclados aos textos ajustados quase sempre à sintaxe do português brasileiro.

Essa breve síntese direciona os primeiros passos metodológicos no sentido de imprimir um caráter etnográfico ao estudo, descritos a seguir: a entrada do pesquisador normalmente é marcada por uma fase exploratória das cenas que se configuram e de familiarização do estudioso com a dinâmica do ambiente. Esta etapa, evidentemente, já está concretizada, uma vez que todos somos usuários das redes sociais. Outro aspecto a ser considerado é o grau de envolvimento do pesquisador, pois mesmo se tratando de uma pesquisa de cunho etnográfico, o estudo se limita a uma postura de participante observador; porque as criações neológicas medram em todos os

lugares, em sua maioria domínios públicos anônimos; assim, não há envolvimento do pesquisador com os membros do grupo porque esse aspecto não é relevante para a pesquisa.

Por outro lado, além tomar todos os cuidados necessários que o estudo requer, não apenas este tipo de pesquisa, mas toda e qualquer pesquisa, um ponto imprescindível, que não pode ser negligenciado, está relacionado com o aspecto ético que deve ser observado na pesquisa etnográfica e/ou netnográfica, sobre a natureza daquilo que pode ser publicizado ou não, mesmo que o objeto do que é observado seja público, desde que se mantenha e preserve o anonimato de seus autores.

### 3.3 Procedimentos para a Coleta dos Neologismos

O pesquisador tem uma rotina para observar os movimentos de postagens; ao observar as linguagens e ler as postagens, pode encontrar neologismo em qualquer espaço, é um trabalho que se assemelha a um garimpo, há preciosidades linguísticas, diamantes de apenas uma ocorrência. Cabe, assim, criar um *corpus*[22] de exclusão lexicográfica com seguintes os dicionários *on line*.

Dicionário Aurélio: http://www.dicionariodoaurelio.com/

DP - Dicionário da Língua Portuguesa: http://www.dicionariodeportugues.com/

Dicionário online Michaelis-UOL http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php

Verificada a neologia, passa-se o reconhecimento de aspectos linguísticos relevantes para que o dado possa compor o *corpus*.

A Figura 1 é representativa desse procedimento bem como da variedade de espaços e criações que podem aparecer a todo instante na internet nas diversas Redes Sociais, “Pobre fazendo pobrice” é bastante comum no Facebook, tem muitos *posts* em que, seguindo essa linha de humor, apresentam, às vezes, alguma “novidade” lexical, como é o caso do neologismo “Iphome”, nome da lanchonete, que a descrição tem que pensar nos inúmeros aspectos linguísticos envolvidos na lexia: fonética, passa pelo filtro da língua, hibridismo, formado por duas bases de línguas diferentes, e, semanticamente, perde o significado original do inglês e ganha a o significado “fome” em português para atender à função onomástica, qual seja: dar nome a um estabelecimento comercial do gênero alimentício. O fato de a figura ser o nome de um estabelecimento não inviabiliza a lexia como dado, já que está publicada nas redes sociais, espaço em que foi coletada.

Evidentemente, todos os dados coletados são passam depois selecionados seguindo critérios que atendem tanto questões que foram revistas na parte teórica deste estudo como também

22 Adota-se aqui o mesmo corpus de Abreu (2010).

os dados são ainda analisados do ponto de vista da combinação dos métodos apresentados neste capítulo, ou seja, se condizem com aspecto ético que deve ser observado em pesquisas de natureza cultural e que enfocam aquilo que pode ser publicizado, dados linguísticos já de domínio público que apresentem características representativas acerca da criatividade morfológica, sintática, semântica, pragmática dos usuários das redes sociais.

As inovações aparecem nas redes sociais e ganham as ruas, em via de mão dupla, ou seja, podem aparecer num simples nome de estabelecimento comercial, serem aproveitadas em algum *post*, depois retornar às ruas, ganhar o gosto popular. Como nas figuras 1 e 2 abaixo.

Figura 1: Pobre fazendo pobrice[23]

de alguma maneira, influenciou
a cidade de Pires do Rio/GO. A
ões de âmbito onomástico, não
ciais são, e isso é claro, grande
n para atender a outras funções.

res do Rio/GO.

23 Disponível em: https://www.facebook.com/PobrefazendopobriceOficial/photos/a.494270797369945.1073741828.494270037370021/1298628186934198/?type=3&theater 13de julho de 2017, 17:08.

Fonte: COELHO, D. M. (2018), para este trabalho.

O quarto capítulo apresenta os dados e as discussões acerca de como os empréstimos surgem nas redes e qual tratamento linguístico recebem, ou melhor, como o falante adapta as expressões de outra língua aos mecanismos de formação de palavras específicos do português.

# 4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

*Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta,*
*da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa*
*de uma sombra.*
*Lev Vygotsky*

Considerando que o léxico de uma língua não está pronto, acabado, ou melhor, não é estático, pelo contrário, a língua (léxico é seu nível mais movediço) está em contínua transformação, possui uma dinâmica de movimentos que impulsionam tanto variações linguísticas como formação de novas palavras. Na verdade, a língua se renova continuamente, especialmente por meio da renovação e ampliação constante de seu léxico, às vezes, recorrendo a outras línguas para isso.

Com essa perspectiva, o objetivo deste capítulo se constitui nessa direção, isto é, de descrever os neologismos por empréstimos organizados por meio de recolha de textos em redes sociais, principalmente o Facebook.

Convém ressaltar que dois fatores essenciais ancoram a questão da criação de palavras neste estudo. Os processos internos, mecanismos disponíveis na própria língua para formar novas palavras e promover a expansão do léxico, por outro, a busca, ou empréstimo de termos ou elementos de outras línguas para designar novos itens, novos objetos culturais, novos comportamentos.

Em relação às redes sociais, mais uma vez é possível pensar nas palavras de Santaella (2013), que afirma, acerca das linguagens que as línguas; são voláteis, efêmeras, têm a duração de um *post*; mas pela fluidez do ambiente podem deslizar umas para as outras, podem se sobrepor, se completarem, unirem-se morfologicamente e se separarem-se para depois se entrecruzarem em expressões mais longas.

Para Santaella (2013), com o advento das tecnologias móveis, a língua perdeu a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhe assegurava. Tornam-se aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem rapidamente. A semioticista trata das linguagens de uma maneira geral, todavia uma questão pode ser posta: seria esse ambiente fluido que propicia o surgimento quase que instantâneo de novas palavras, muitas delas de origem inglesa, empréstimos amalgamados a expressões vernaculares.

Há um conceito relativamente novo sendo aprofundado na Ecolinguística que envolve, de certa forma, a questão. Para Couto (2017), o conceito de comunhão relaciona-se com o fato de as pessoas estarem ou não em interação face a face. Em outras palavras, Couto (2017) alude a

anterioridade da comunhão a qualquer ato comunicativo, pois, segundo o autor, o desenvolvimento humano requer relações afetivas em que a linguagem seja suporte a uma comunhão e não exatamente a uma comunicação.

Obviamente que o autor está discutindo acerca dos conceitos em termos ecossistêmicos, que partem do significado de comunhão como vínculo que se estabelece entre interlocutores antes do processo interativo propriamente dito, a comunhão antecede às palavras propriamente ditas. O que requer uma relação *in praesentia*, ou seja, requer que os interlocutores compartilhem o mesmo espaço físico, assim.

Ora as mídias móveis, a comunicação ubíqua prescindem da inter-relação face a face no mesmo ambiente. Assim, os dados discutidos abaixo podem levantar inúmeras questões sobre como interlocutores distantes um do outro interagem aparentemente, estabelecendo algum tipo de comunhão. Compartilhar da mesma forma de "falar", usando inúmeros neologismos possibilita que a comunhão se efetive, mesmo distantes espacialmente e, às vezes, em horários também díspares.

## 4.1 A Coleta dos dados

A síntese dos métodos feita no capítulo anterior mostra como se direcionaram os primeiros passos metodológicos no sentido de imprimir um caráter etnográfico para este estudo. A entrada do pesquisador foi estruturada por uma fase exploratória das cenas que se configuram e de familiarização com a dinâmica do ambiente. Esta etapa, evidentemente, não apresenta problemas já que a maioria das pessoas são usuárias das redes sociais.

Outro aspecto a ser considerado é o grau de envolvimento do pesquisador, pois mesmo em se tratando de uma pesquisa de cunho etnográfico, o estudo se limita a uma postura de participante observador; porque as criações neológicas medram em todos os lugares, em sua maioria domínios públicos anônimos; assim não há envolvimento do pesquisador com os membros do grupo porque esse aspecto não é relevante para a pesquisa.

Houve bastante atenção em relação aos cuidados necessários que o estudo requer, não apenas este tipo de pesquisa, porém toda e qualquer pesquisa, algo imprescindível, que não deve ser negligenciado, está relacionado com o aspecto ético que deve ser observado na pesquisa etnográfica e/ou netnográfica, sobre a natureza daquilo que pode ser publicizado ou não, mesmo que o objeto do que é observado seja público, desde que se mantenha e preserve o anonimato de seus autores.

A coleta de dados se deu no período que compreende os meses de agosto a novembro de 2017, durante várias horas do dia, a fim de procurar palavras, expressões que, à primeira vista, pudessem se constituir em neologismos de origem inglesa.

Esse processo foi bastante interessante ao observar que as pessoas utilizam palavras de origem inglesa e as adaptam para a língua portuguesa, com variações ou no prefixo ou no sufixo, um tipo de derivação, dentre as quais acontece por derivação ou composição, que são dois processos principais da língua portuguesa para formação de palavras.

Como *corpus* de exclusão lexicográfica foi adotada para esta pesquisa uma vez que fazem parte do hemisfério digital: os dicionários *online*. São eles:

a) Dicionário online Michaelis-UOL: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php

b) Dicionário Aurélio: http://www.dicionariodoaurelio.com/

c) DP - Dicionário da Língua Portuguesa: http://www.dicionariodeportugues.com/

**4.2 Descrição dos Dados**

O fenômeno linguístico do "empréstimo" é muito comum e bastante antigo, pois desde que haja contato entre as línguas, é possível tomar emprestado nomes, termos, conceitos.

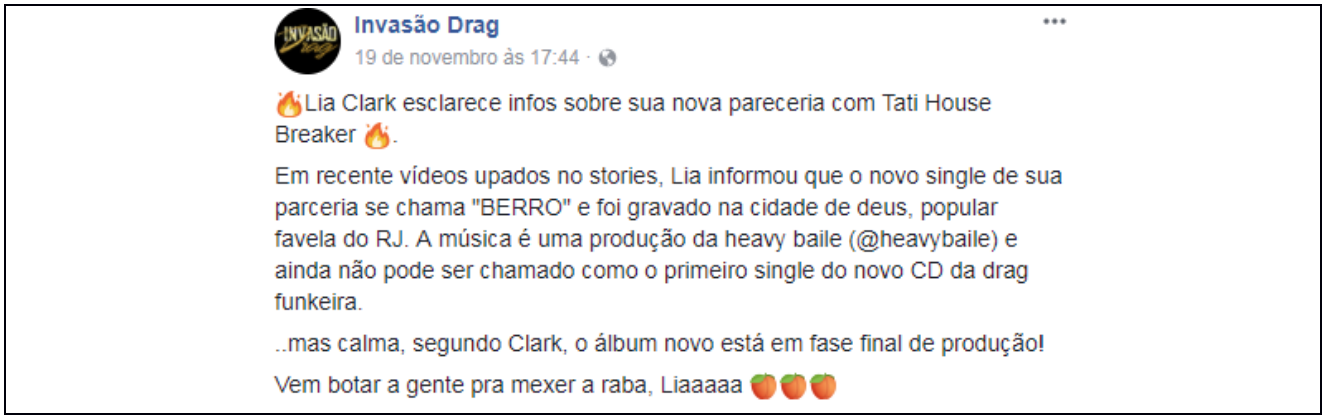
Numa época em que o mundo está *online*, é até obvio que ocorram empréstimos, no entanto é preciso salientar que isso não corrompe a língua que recebe os empréstimos, pelo contrário, esse é um mecanismo produtivo de ampliação lexical e um facilitador das interações, principalmente daquelas em que o momento da interação é rápido e efêmero como uma bolha de sabão.

Na maioria dos dados, é possível verificar o filtro da língua nativa do falante atuando sobre a contextualização e ressignificação da lexia emprestada para formar uma locução (fono) morfologicamente portuguesa, ordem dos constituintes da locução própria da ordem sintática do português (SVO, com modificador posposto ao núcleo nominal do sintagma).

A respeito do interesse por descrever o processo de adoção ou de formação de palavras, aqui será descrito os dados escolhidos para que este estudo pudesse ser concluído e verificado que o léxico se renova a cada segundo em apenas um *click* nas redes sociais, especialmente no Facebook.

As expressões analisadas são: (i) *upados*; (ii) à *hispter indie urban;* (iii) *spoilers e spoilerfobia;* (iv) *bugadao gamers;* (v) *realness;* (vi) *quatro neologismos depreciativos: mansplaining, gaslighting, manterrupting*, *bropriating*; (vii) *frescoboy;* (viii) fitness (*desfitinize*, *fitinância, fitinizar);* (ix) *darksexual;* (x) *phubbing* e *nomofobia*.

(i) *upados*[24]




O termo *upados* é composto pelo morfema lexical *up-* de origem inglesa, variação da palavra *up* que de acordo com o dicionário da língua inglesa Oxford significa subir, crescer e pelo sufixo-*ados*, que de acordo com Cunha; Cintra (2008, p110), trata-se de uma terminação da forma participal nominal de verbos.

O particípio em português pode apresentar marca de gênero e número, pois assume funções próprias de modificador (adjetivo). Essa derivação pode ter ocorrido a partir de *upar* ou diretamente, da preposição *up- upados*. Correntemente, este termo está sendo bastante utilizado nas tecnologias, principalmente para se fazer referências a *download* de arquivos, de filmes, de jogos e outros.

*Upar* significa também colocar um determinado arquivo *on line*, disponibilizá-lo na internet para as pessoas, e, como geralmente, esse processo é muito demorado, porque os arquivos são grandes, existem diversas técnicas e métodos na internet para upar, ou seja, resgatar, abrir os arquivos mais rápido. É possível constatar também a utilização do vocábulo upar em jogos *on line*, por exemplo, quando se cria um personagem e ele é alçado a outro nível, fazendo com que tenha mais poderes, possa ir para lugares escondidos. Como gíria, pode remeter a esse significado também.

Na classificação de Grojean (1982), seria um *loanblend*, pois é formado pela junção de morfemas das duas línguas (*up* inglês + (a) -do sufixo português).

(ii) *á hispter indie urban*[25]

---

24 https://www.facebook.com/InvasaoDrag/photos/a.166919987130252.1073741828.164978617324389/298892157266367/?type=3

A expressão *à hispter indie urban* está sendo utilizada de acordo com a sintaxe portuguesa, em que o núcleo do sintagma fica mais à esquerda o modificador, obedecendo à regência e à concordância específica do português.

Trata-se de uma ocorrência bastante significativa do ponto de vista desta pesquisa, uma vez que desperta a atenção para o uso do acento indicador da crase, porque segue a regência da língua portuguesa, uma vez que nas línguas anglo saxônicas não há este tipo de regência, pelo menos não é marcada. Já na gramática da língua portuguesa, marca-se a fusão do artigo "a + preposição a = à".

Outro aspecto a considerar é que o acento indicador da crase antes de *hispter,* indica que se está atribuindo gênero (feminino) a essa palavra, pois, de acordo com as normas do acento grave, não há crase antes de palavras masculinas. Em inglês, o gênero não é marcado.

Os *hispters* constituem uma subcultura de homens e mulheres que valorizam a contracultura, o pensamento independente, a arte, a criatividade, a inteligência, enfim uma maneira espirituosa de ser. Assim, ao se referir à ex-presidente como *hispter*, atribuiu o feminino à palavra, fez uma silepse de gênero, própria da sintaxe e morfologia do português. Há de se chamar a atenção ainda para a expressão *hispter indie urban conceitual*, ou seja, a expressão volta para o português e não para o uso do termo "conceitual" em inglês: *conceptual.*

É um neologismo locucional, mas também se enquadra na tipologia de Grojean (1982) como um *loanblend*, pois há a junção de morfemas já mencionados.

(iii) *spoilers*[26]*, spoilerfobia*

25 https://www.facebook.com/groups/indiedadepressao/

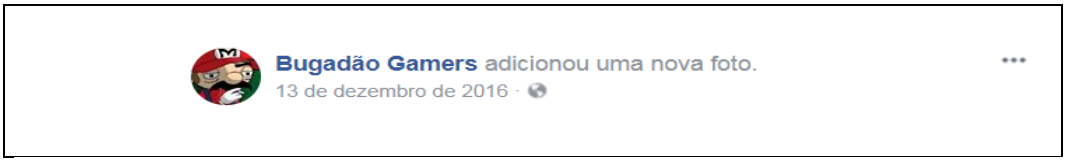
26 https://www.proibidoler.com/tv/game-of-thrones-e-a-spoilerfobia/

As palavras *spoilers* e *spoilerfobia* consistem na junção de uma palavra de origem inglesa *spoiler*, que originou do verbo *spoiler*, que de acordo com o dicionário Oxford significa estragar. Em *spoilerfobia* tem esse radical inglês junto com *–fobia* (de origem grega) português, para significar um sentimento exagerado de medo e aversão por algo ou alguém.

De acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o vocábulo *--fobia* normalmente, é tratado como uma patologia, considerada uma doença psicológica, e que causa o medo mórbido, a repulsa e a angústia intensa de algo específico, um lugar, uma condição, um sentimento.

Dessa forma, pode-se verificar um tipo de neologismo que se formou por um processo de justaposição. De acordo com Cunha e Cintra (2004, p. 112), o processo de justaposição, em português, consiste na junção de duas ou mais palavras ou radicais, sem que haja a alteração desses elementos formadores, ou seja, mantêm-se a mesma ortografia e prosódia que tinham antes da composição, havendo apenas alteração do significado. Pode ser visto como um *loanblend* porque é formado pela junção de morfemas das duas línguas.

(iv) *Bugadão gamers*[27]



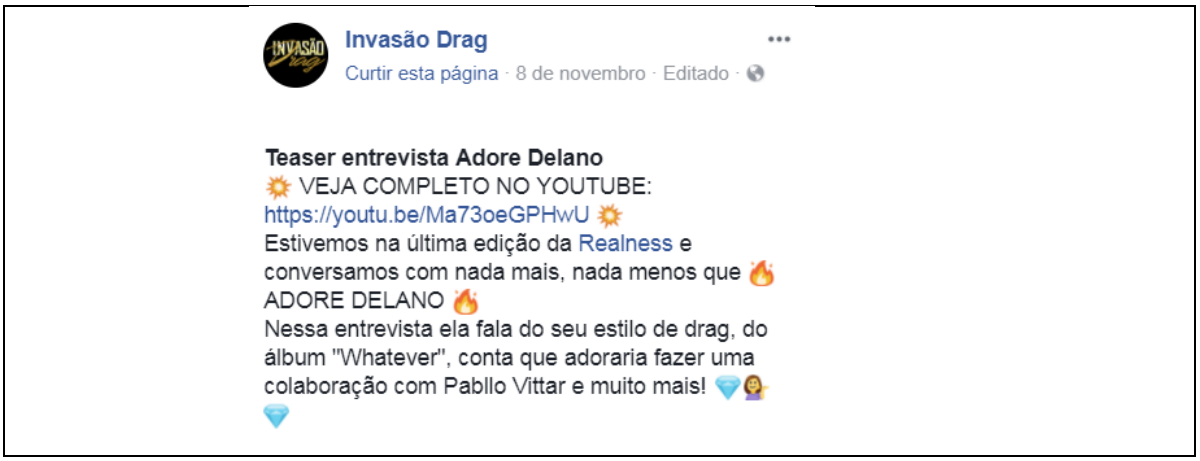

Pode-se verificar que *Bugadão gamers* (nome da página) advém do meio tecnológico, muito recorrente nas redes sociais e nos diálogos entre os jovens, e constitui de um neologismo de origem inglesa que se formou pela junção do vocábulo *bug*, que é considerado uma gíria de origem americana que significa "defeito" "falha".

A tradução da palavra *bug* segundo o dicionário Oxford é 'inseto', porém esta expressão em inglês significa –ter um defeito latente, –falha. Em português, essa conotação se mantém, mas pode adequar-se a qualquer situação, seja uma doença (meu intestino está *bugado*), ou ainda não compreender algo (meu cérebro deu *bug*) o que não ocorre em língua inglesa. Refere-se a uma terminação que marca uma forma nominal do verbo. Conforme Cunha e Cintra (2004), recebe essa nomenclatura porque, ao lado do seu valor verbal, desempenha função de nomes.

27 https://www.facebook.com/BugadaoGamers/

Classificação: empréstimo *loanblend* (bug inglês + (a) -ão aumentativo português, além de formar um neologismo locucional.

(v) *Realness*[28]



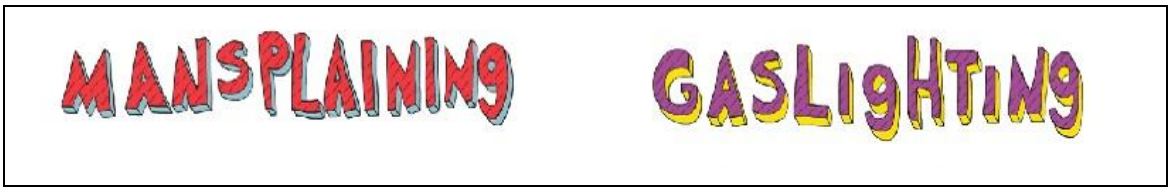

Constatar a utilização de uma palavra primitiva da língua portuguesa que significa algo ou alguma coisa que tem existência verdadeira, não imaginária, usada justaposta com o sufixo *–ness* que de acordo com a gramática da língua inglesa indica estado ou qualidade e que é utilizado apenas em adjetivos para transformá-los em substantivos. Dessa forma, podemos constatar que o termo *realness* consiste em um neologismo que se formou pelo processo da justaposição de uma palavra primitiva da língua portuguesa juntamente com um sufixo de origem inglesa, que se encaixam nas palavras para modifica-las.

Em português, a conotação se mantém, entretanto, esta pode se adequar a qualquer situação, seja uma doença, exemplo, –meu estômago está *bugado*, ou ainda não compreender algo, –minha cabeça deu *bug*, o que não ocorre em língua inglesa.

(vi) *quatro neologismos depreciativos*[29]*: mansplaining*, *gaslighting*, *manterrupting* e *bropriating.*

28 https://www.facebook.com/InvasaoDrag/videos/vb.164978617324389/294822141006702/?type=2&theater

29 http://casadamaejoanna.com/tag/bropriating/




As expressões *mansplaining*, *gaslighting***,** *manterrupting* e *bropriating*, segundo a Fundação Tide Setubal, os termos são de origem inglesa, adotados para o português para sinalizar o machismo nas relações e qualificar o comportamento masculino em relação a uma mulher em diferentes situações.

As quatro palavras se referem a maneiras de diminuir uma mulher, são bastante usadoas no movimento feminista. O primeiro vocábulo consiste na junção de *man* (homem) + *explaining* (explicar) *mansplaining*, consiste na maneira a qual um homem tenta explicar algo ou alguma coisa óbvia como se ela fosse incapaz de entender por si própria.

Por exemplo, quando um homem dedica seu tempo para explicar a uma mulher porque o mundo é redondo, o céu é azul e o porquê de 2+2 ser igual a 4. Pode servir também para um um homem explicar como você está errada a respeito de determinado assunto, mas, na verdade de fato você está realmente certa, muitas vezes conhece mais o assunto do que ele, o próprio agressor.

O segundo vocábulo *gaslighting* é também uma palavra de origem inglesa, é uma forma de um homem fazer com que as pessoas que estão em volta de uma mulher pensem que ela é louca, ou seja, é um tipo de abuso psicológico no qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade.

Este termo foi usado pela primeira vez em 1938, com a peça Gas Light, que relata fatos em que um marido tenta deixar sua mulher louca diminuindo todas as luzes (que funcionavam a gás) da sua casa e então negando que a luz tenha mudado quando a sua esposa aponta a diferença. É uma maneira de abuso emocional que faz com que a vítima questione seus próprios sentimentos, instintos e sanidade, o que dá ao parceiro abusivo muito poder. Uma vez que o parceiro abusivo tenha conseguido fazer a vítima perder a habilidade de confiar em suas próprias percepções, passa a ser muito mais provável que ela permaneça no relacionamento abusivo.

O abuso acorre de forma gradual e sem que a vítima perceba. No decorrer do tempo, esses padrões abusivos aumentam, fazendo com que a vítima se torne cada vez mais dependente da relação e muitas vezes se isole de amigos e familiares. O abusador utiliza de técnicas que vão desde a negação dos fatos, como “eu não quero ouvir de novo” ou “nada disso aconteceu”, passando pela banalização dos sentimentos da vítima “nossa, como você é exagerada” e “não é motivo para tanto”.

O *gaslighting* tem consequências desastrosas na vida da pessoa abusada e podem gerar problemas sérios como depressão, isolamento, ansiedade e confusão mental.

A terceira palavra consiste também em um neologismo por adoção, em que houve a junção de dois vocábulos ambos de origem inglesa *-bro* (forma curta de *brother*, que significa irmão, mano) e *appropriating* (apropriação). É utilizado para se referir ao comportamento de um homem se apropriar da ideia de uma mulher e dessa maneira leva a vantagem por ela em reuniões ou acontecimentos. Por exemplo, quando evidenciamos uma ideia na maioria das vezes nem somos sequer ouvidas. E assim um homem assume a palavra, repete a mesma coisa que você disse e é aclamado por isso.

O quarto vocábulo *Manterrupting* significa a interrupção constante de homem a uma mulher para que esta não conclua sua frase. A palavra consiste na junção de *man* (homem) e *interrupting* (interrupção) e se traduzirmos as duas palavras separadamente, significa "homens que interrompem". Esse comportamento é muito comum em reuniões e palestras mistas, quando uma mulher não consegue concluir sua frase por ser constantemente interrompida pelos homens ao redor. São empréstimos lexicais com alteração ou adaptação semântica.

(vii) *Frescoboy*[30]

Nesta expressão, há um neologismo que se originou pela formação de uma palavra pertencente à classe dos adjetivos em português, "fresco" significa 'feminilidade, enjoeira, viadagem' + a junção do substantivo *boy* de origem inglesa que significa menino.

A expressão foi utilizada no sentido de caracterizar um menino fresco, ou melhor, aquela pessoa que não gosta de quase nada, que reclama de tudo, que nada está bom.

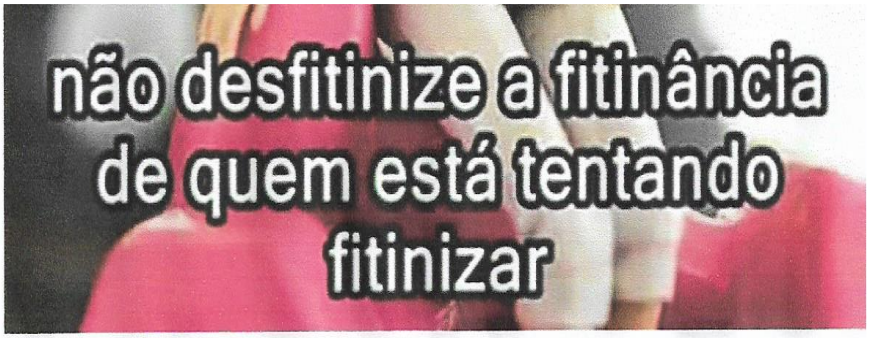
É classificada como um neologismo que se formou pelo processo de justaposição. A expressão *frescoboy* faz analogia à expressão *frescobol* que é um esporte relativo ou próprio da

30 https://www.facebook.com/ahnegao/posts/1642635212442174

praia, localizado à beira-mar; litorâneo, foi criado no Rio de Janeiro no século XX. É jogado por dois jogadores ou mais.

É um esporte comum em locais públicos, praia por exemplo. É conhecido também como *Matkot* na língua inglesa e hebraica, e *Racchettoni* em italiano. Consiste em um jogo colaborativo, em que os atletas são parceiros. No frescobol, cultiva-se a amizade e o comprometimento nas jogadas. É um *loanblend*, pois é formado pela junção de morfemas de ambas as línguas.

(viii) *fitness, desfitinize, fitinância, fitinizar*[31]




erivados da mesma palavra,

ados de boa forma) e *"ness"*

ado ou uma condição.

o *–des*, conforme Cunha e

oposição, também podendo estar associado a uma depreciação. Esse valor de *–des* nem sempre é aplicado aos adjetivos assim, o valor é negativo, igual ou muito próximo de não. Por exemplo: não -leal/desleal.

Quanto à *fitinância*, pode-se verificar que consiste em derivação sufixal que se formou pela junção do radical *fitness* + sufixo *–ância*, utilizado para formar nomes que indicam ação. Já quanto ao vocábulo *fitinizar*, formado pelo radical *fit*+sufixo *–izar*, usado para formar verbos oriundos de substantivos e adjetivos, os verbos têm sentido de fazer o que denota do substantivo/adjetivo. São empréstimos lexicais modificados por morfemas sufocais do português, conforme significado de cada um.

(ix) *darksexual*[32]

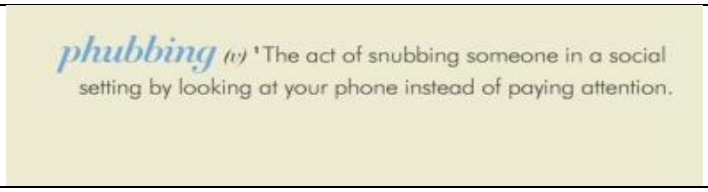
31 https://todaatual.com/

32 http://profetirando.com.br/wp-content/uploads/2015/06/precisa-de-jesus-darksexual-profetirando-humor-gospel.jpg

A expressão *darksexual*, um neologismo formado pela junção da palavra –*dark* que é classificada como um adjetivo de origem inglesa e significa "escuro", juntamente com o termo-*sexual* que consiste em um adjetivo de dois gêneros em português e significa relativo ou pertencente ao sexo; possui órgãos sexuais. Dessa forma, o vocábulo *darksexual* consiste em um neologismo que se formou por um processo de justaposição de duas palavras, sendo que a primeira pertence à origem inglesa e a segunda portuguesa.

Alude ao sentido daquele que se envolve com as trevas, por exemplo se alguém se envolve com um personagem do mal, fictício, a pessoa passa a ser um *darksexual*. Formado por justaposição, considerado a formação em português, com classificação: empréstimo lexical, mas também pode ser visto como *loanblend*, já que há a concorrência de morfemas das duas línguas.

(x) *phubbing* e *nomofobia*[33]




33 http://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,phubbing-e-nomofobia-os-comportamentos-do-mundo-digital,70001931091 Acesso em 04/12/2017

É possível constatar que *phubbing* e *nomofobia* reportam a comportamentos do mundo digital. O primeiro é um termo criado como parte de uma campanha da Macquarie Dictionary a partir da junção das palavras *snubbing* (esnobar) +*phone* (telefone) utilizada para descrever o ato de ignorar alguém.

É um comportamento normal nos dias atuais, mas desagradável que mostra o vício, a necessidade de se estar conectados e a preferência por ficar atrás de uma tela ao invés de uma conversa pessoalmente, evitar a comunhão?

Dessa forma, pode-se verificar que o vocábulo *phubbing* consiste na junção da palavra *snubbing + phone = phubbing*. Classifica-se como um neologismo que se formou por um processo de justaposição por meio de um verbo + um substantivo ambos de origem inglesa.

O termo *nomofobia* consiste no neologismo que se formou pela junção de duas palavras, *nomo* + fobia. Esta expressão surgiu na Inglaterra, pela expressão *No Mobile Phobia* e é acolhido como um termo muito recente, que tem origem nos diminutivos inglês *no-mo*, ou *No Mobile*, que significa sem telemóvel, ou a fobia de ficar sem telefone celular.

Segundo a psicóloga Anna Lúcia Spear, a *nomofobia* é considerada um transtorno do mundo moderno e trata-se do medo de ficar incomunicável, ou seja, longe do telefone ou desconectado da internet. É um empréstimo lexical formado pelos elementos *–no (adverbio de negação) + fobia*, radical que vem do grego -fobos, a personificação do terror.

Enquanto o medo é gerado por uma situação de base real, andar em lugares sem policiamento, por exemplo, à noite ou cruzar uma rua movimentada, a fobia é bastante irracional e injustificada, passível, inclusive de ser objeto de estudo e de receber tratamento psicoterapêutico.

Com isso, é importante que o indivíduo tenha sempre em mente que tudo tem dois lados, o bom e o ruim, e isso também acontece com as tecnologias. Em países como Inglaterra, Reino Unido e Estado Unidos, o transtorno de *nomofobia* não é uma novidade, ao contrário, foi uma pesquisa realizada na Inglaterra, antes da Internet se tornar esse fenômeno todo e no Brasil pouca coisa foi divulgada na imprensa ou discutida em mesa redonda para a sociedade.

Desta forma, este estudo teve como objetivo principal analisar a influência dos vocábulos de origem inglesa para a nossa comunicação. Assim, observa-se que, para o dinamismo lexical, o

vocábulo ultrapassa os limites da significação: a criatividade lexical para a invenção de outras palavras sugere um produto semântico.

Segundo DUTRA (2004, p. 54), "cada ocorrência revela suas marcas no que tange ao processo referencial de criação". Evidentemente que há inúmeras palavras ou expressões que tem uso bastante produtivo na internet, mas que no decorrer do estudo não figuraram nas páginas consultadas. Exemplos bastante significativos, considerando a criação lexical nas redes sociais, há o tão mastigado *crush* (ser crush de alguém), o famigerado *fake news* (notícias deturpadas ou inverídicas), *shipar* (de *relationship*, casal em relacionamento, apelido para casal), *prefake* (junção de prefeito + fake = prefeito falso), *stalkear* (perseguir anonimamente alguém), *zueiraneverend* (zueira não tem fim), bater a *bad* (estar mal), entre outros.

Entretanto, considerados os dados, é possível analisá-los de acordo com sua função neológica de gíria, palavra ou expressão que comunga, congrega aqueles que a usam. Alguns desses termos são usados para designar exatamente um comportamento individualista, que procura o isolamento como *phubbing* e *nomofobia*. Já *gaslighting*, quase um termo técnico, também tem seu uso em função de isolar, imprimir algo a alguém de forma a excluir e não incluir.

Os demais neologismos são usados de forma a trazer ao texto marcas de pertencimento a um segmento social qualquer. Pessoas conectadas que incorporam à sua "fala" (são gírias usadas também numa variedade falada por mais jovens), palavras, expressões, elementos gramaticais do inglês como forma de se mostrar mais "antenado" com tudo que a internet pode oferecer.

Dessa maneira, é possível pensar que a linguagem das redes sociais reflete inúmeras formas de se relacionar, de se isolar, de se individualizar *online*. Estar diante do mundo, pertencer a esse universo de mobilidade de informações e relacionamentos, mas se manter anônimo uma vez que usa a mesma língua que todos, assim também se mantém incógnito porque se expressa como todo mundo.

Quanto aos aspectos linguísticos, é preciso ressaltar que, a despeito de serem empréstimos (às vezes até instrumentos gramaticais como *–ness*), os neologismos passam pelos filtros morfológico, sintático, semântico e pragmático do português brasileiro, pois lidam com esses termos como se do português fossem. O que pode ser verificado quando obedecem às regras de regência e concordância do português, atentam para o gênero das palavras, o que não há em inglês, misturam prefixos e sufixo do português (des-, -ância, -izar) às bases inglesas (*desfitinize, fitinância, fitinizar*).

Mesmo quanto utilizam a composição, é possível captar algumas possibilidades de discussão sobre como a língua portuguesa oferece mecanismos para formar palavras por composição,

justaposição ou não: *nomofobia*[34], *darksexual*, que não atende à ortografia portuguesa que seria *darquessexual*. Entretanto, como se trata de empréstimos, neologismos, eles não tiveram, isto é óbvio, a ortografia aportuguesada como em uísque, xampu, bife, para citar apenas alguns.

34 É possível que o termo tenha se formado do inglês e grego, sem interferência desta raiz já no português.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua, em sua dinâmica e variação permanente, possibilita que o léxico se amplie consideravelmente a cada ano. Esse aumento se deve principalmente às necessidades socioculturais dos falantes, que acompanhando as transformações da sociedade, fazem refletir na fala (ou na escrita) novas unidades lexicais na língua.

O léxico de uma língua viva é o lugar de transformações que decorrem das necessidades dos falantes de uma comunidade linguística em criar/usar/aderir palavras novas (ou ressignificar outras) para dar nomes a comportamentos novos.

A ampliação do léxico também revela o caráter vivo e dinâmico da língua, mostrando-se, assim, os modos de ver do sujeito que atua na sociedade. Este estudo procurou de alguma maneira, captar algumas dessas inovações, tendo em mente que esses neologismos atendem a uma função giriática, no sentido de criar e consolidar algum elo entre os usuários das redes sociais, imprimindo-lhes uma marca, uma identidade. São pessoas que compartilham preferências, opiniões e, sobretudo, compartilham uma mesma variedade linguística, que por sua vez, atende também às especificidades do ambiente virtual.

Por ser um ambiente de intensa mobilidade, talvez a linguagem siga nessa direção, atender à efemeridade dos *posts*, das informações, do *memes* do momento (da hora).

Com essa perspectiva, foram construídos os três primeiros capítulos, buscando de certa forma, estruturar teoria e métodos que pudessem orientar tanto a coleta de dados como também sua posterior descrição e discussão.

Assim, no primeiro capítulo, foi feito um levantamento bibliográfico a fim de rever conceitos, concepções e linhas de análise. O capítulo se fundamentou em teorias do léxico e das inter-relações entre língua, cultura e léxico.

O segundo capítulo teve como objetivo rever os processos formadores de palavras em português, atendo-se aos mecanismos de empréstimos, como as palavras “entram” na língua e que filtro linguístico atua na criação dessas expressões.

No terceiro capítulo, foram apresentados métodos e metodologia de pesquisa com foco nos métodos de cunho etnográfico em ambiente virtual. Procurou-se fazer uma combinação entre etnografia virtual e netnografia com procedimentos próprios de pesquisas mais estruturais.

É preciso reiterar que a ferramenta internet em si não produz a pesquisa, não pode oferecer os dados. Estes dados estão lá, naquela atmosfera líquida, fluida, entretanto sem a observação atenta do estudioso que vasculha o lugar à procura de novas palavras, sem a disciplina do pesquisador,

esses dados não constituem dados em si. O método deve atender essas especificidades. Tem de ser aplicado a esses novos contextos de linguagem que se configuram, o que forçosamente requer novas maneiras de olhar para as comunidades de fala, que são mais fluidas, mais imagens e menos fala. Este estudo orientou-se nessa perspectiva.

Convém salientar que o fenômeno linguístico empréstimo é muito comum e muito antigo, desde que haja contato entre as línguas, o empréstimo torna-se possível. Contemporaneamente, o mundo está *online*. Assim, até existe certa obviedade na ocorrência de empréstimos. Por outro lado, cabe ainda reafirmar que isso não corrompe a língua que recebe os empréstimos, pelo contrário, esse é um mecanismo produtivo de ampliação lexical e um facilitador das interações, especialmente daquelas em que o momento da interação é rápido e efêmero.

Aliás, muito se tem dito sobre isso, ou seja, que as pessoas estão como que em bolhas de sabão, comentando e emitindo opiniões protegidas pelo anonimato das redes sociais. Seria o avesso da "Comunhão", segundo Couto (2018).

O quarto capítulo trouxe os dados e a descrição desses dados: (i) *upados*; (ii) à *hispter indie urban;* (iii) *spoilers e spoilerfobia;* (iv) *bugadao gamers;* (v) *realness;* (vi) *quatro neologismos depreciativos: mansplaining, gaslighting, manterrupting, bropriating*; (vii) *frescoboy;* (viii) fitness (*desfitinize*, *fitinância*, *fitinizar);* (ix) *darksexual;* (x) *phubbing* e *nomofobia*, cuja discussão considerou que são usados na função mais própria de gírias, às vezes com intenção de incluir, de compartilhar os mesmos espaços de discussão, mas às vezes, nomeiam comportamentos que reforçam o anonimato e isolamento dos usuário das redes sociais.

Em termos linguísticos, evidenciam os mecanismos de formação de palavras próprios do português, tanto para fomação de nomes (spoilerfobia), de verbos (upar/upados). Em outras palavras, os empréstimos são criados nos moldes do português contemporâneo, inclusive atende à sintaxe do português brasileiro, pois atribui regência e concordância (nominais e verbais) específicas dessa língua. Em relação aos nomes, até atribui gênero, (fazendo a concordância com gênero feminino) aos termos, concordância que não há em inglês.

Diante do exposto, podemos observar que o estudo da neologia semântica no discurso nos nas redes sociais nos mostra como o falante pode ser criativo e ao mesmo tempo perfeitamente entendido por seus interlocutores. O processo de neologia semântica acompanha as necessidades dos falantes e leva à evolução semântica. Podemos analisar também a produtividade deste processo, tanto em relação à economia da língua quanto em relação à sua evolução. O que pretendemos mostrar com esta pesquisa foi a frequência do uso de neologismos semânticos e também os elementos necessários à sua compreensão. Concluímos que os sentidos evoluem e devem ser sempre estudados em contexto. Este estudo foi apenas o começo de uma reflexão sobre a

produtividade de neologia semântica, baseado em neologismos de origem inglesa adequados ao nosso Português. Evidentemente este estudo não exaure o problema, há inúmeras outras questões que carecem de pesquisa, mas, devido ao escopo deste trabalho, não foi possível apontar e discutir mais dados.

Entretanto, pode-se dizer que os dados são também suficientes para começar a refletir sobre questões linguísticas bastante produtivas sob o ponto de vista da formação de palavras e da função que tais mecanismos operam na língua da internet.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Verena Santos. O léxico na internet: análise de neologismos em comunidades do Orkut. In: **3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação**: redes sociais e aprendizagens. Anais, Universidade Federal de Pernambuco, 2010. Disponível em: www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Verena-Santos-Abreu.pdf Capturado em 22/09/2016.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo.** Criação lexical. São Paulo, Ática, 1994

_____. **Neologismo.** Criação lexical. 2ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. In: **Alfa**. v. 40, São Paulo: UNESP, p.11-16, 1996.

_____. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). **As ciências do léxico**. v.2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 77-87.

AZEREDO, J. C. Fundamentos de gramática do português. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. **Alfa**, v. 9, p. 7-36, 1966.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do Simpósio Latino-Americano de Terminologia.** Brasília, 1990.

_____.Dois processos de engendramentos e manifestações do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, J. C. (Org.). Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

BASILIO, M. (1980) Estruturas Lexicais do Português. Petrópolis: Vozes. _____ (1987) Teoria Lexical. São Paulo: Ática.

BASILIO, Margarida. **Teoria Lexical**.7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. **Revel**, edição especial, n. 5, 2011. p.99-117.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Estrutura Mental do Léxico. In: Estudos de Filologia e Linguística. São Paulo: EDUSP, 1981.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. Alfa, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

_____. **Teoria linguística**. 2.ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.

BUENO, F. da S. Minidicionário inglês-português português-inglês. São Paulo: Editora Lisa, 1994.

_____. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

CAMACHO, Beatriz Facincani. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá.** São José do Rio Preto: 2008, 167 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____.**Estrutura da língua portuguesa**. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação – A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente.** 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, E. A. **A criação neológica estilística**. Matraga (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 16, p. 105-118, 2004.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no *Facebook*. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da internet.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 77-94.

CASTILHO, A. T. Nova gramática do Português brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2010

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem.** (Trad.). Ricardo Quintana, consultoria, Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística***:* estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

DUTRA, Lenise Ribeiro. **O lirismo na crônica de Paulo Mendes Campos**. Dissertação de Mestrado. CES/ JF. 2004

GROSJEAN, F. **Life With Two Languages:** an Introduction to Bilingualism. Harvard University Press. 1982.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. Faculdade de Letras – UFMG, 2006.

FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires. (orgs.) **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Ariana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRIEGER, Maria das Graças; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LEMOS, A. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVY, Pierri. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NEBOT, Francisco Abad. **Cuestiones de lexicologia y lexicografia**. Madrid: UNED, 2001.

NEXO JORNAL, Thing Olga, The New York Times, Papo de Homem.

DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. Oxford University Press. Oxford. 1990.

PANICHI, Edina Regina Pugas. A (des)montagem de palavras em Pedro Nava. In: SILVA, José Pereira da. (org.) **Neologia e neologismos no Brasil**. Curitiba: Prismas, 2012. p. 17-32.

PEREIRA, Nair Fernandes. **Neologismos locucionais por empréstimos**: ser *thug life para stalkear* o inglês nas redes sociais. 2015. Monografia. (Graduação em Letras) Universidade Estadual de Goiás, Campus Pires do Rio, Pires do Rio, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 107. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na Educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Flávia Martins dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos em estudos empíricos em cibercultura. In: **7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura**. Universidade do Tuiuti do Paraná, 2013. Disponível em: <abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1.../26054arq02297746105.pdf>. Acesso em: 12 jul 2017.

SAPIR, Edward. The unconscious patterning of in society. In: Blount, B. G. (Ed.). **Language, Culture And Society**: A Book Of Readings. Cambridge: Massachusetts: Winthrop Publishers, 1974. p. 47-66.

_____. A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade costa de. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES; Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. **Linguagem, Sociedade e Discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Toponímia: a nomeação dos lugares sob a ordem do imaginário. In: COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DUNCK-CINTRA, Ema Marta; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora**. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 151-160.

_____. Do Vai-Vem passando Entre Rios até Ipameri: considerações acerca da mudança toponímica. In: COUTO, Elza Nakayama Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi borges de (orgs). **Linguística ecossistêmica & análise do discurso ecológica**. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 12-29.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; COELHO, Dayanny Marins. Neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais. **Revista Mediação**, v. 12, n. 1, 2017, **no prelo.**

SPEAR, A. L.; EGÍDIO, A. e CARDOSO, A. **Nomofobia**: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? 1Ed. São Paulo: Atheneu, 2014.

STEINBERG, Martha. **Pronuncia do Inglês**: Norte-americano. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.

STEINBERG, Martha. **Neologismos de língua inglesa**. São Paulo: Nova Alexandrina, 2003.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários.** Uma Pequena Introdução à Lexicografia. Brasília-DF: Thesaurus, 2004, 287p.